

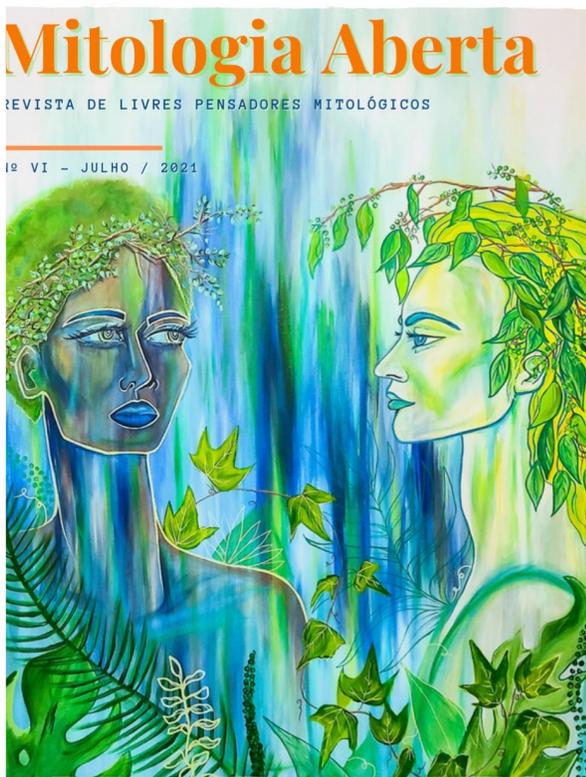
Mitologia Aberta

REVISTA DE LIVRES PENSADORES MITOLÓGICOS

Nº VI - JULHO / 2021



SUMÁRIO



- 03 APRESENTAÇÃO EDITORIAL;
- 06 ILUSTRES ILUSTRADORES;
- 07 PRÓLOGO DOS ARTIGOS;
- 08 ARTIGO DE CAPA: DEUSAS DA TERRA: A MAGIA DA MULHER;
- 11 ARTIGO 01: HÁ DEUSES EM TODOS OS HOMENS;
- 20 ARTIGO 02: UM ESTUDO SOBRE A ASCENÇÃO DE MARDUK;
- 27 ARTIGO 03: O QUE APRENDI COM A MITOLOGIA;
- 33 ARTIGO 04: UM BANQUETE COM EROS;
- 36 ARTIGO 05: A LOUCURA NOSSA DE TODO DIA - PARTE 1;
- 42 CONTO: DE ONDE O DIABO OLHAVA;
- 51 BIBLIOTECA DE THOTH;
- 53 VITROLA DE ORFEU;
- 56 HISTÓRIAS DA VÓ TIANA;
- 57 ARQUIVOS DE LOKI;
- 59 A NONA ÁRVORE;
- 66 ACADEMIA DE QUÍRON;
- 71 PANTEÃO DE COLABORADORES;
- 77 AGRADECIMENTOS.

APRESENTAÇÃO EDITORIAL



Preciso agradecer a grande aceitação que todos tem demonstrado pela Nossa Revista, que está na 6ª Edição, amor que vem desde os colaboradores até os leitores!

Nesta edição, temos uma ilustradora americana que nos presenteou com duas lindas mães-terra na capa. Me apaixonei assim que as vi, pois trazem algo fraterno em si!

Como na edição anterior, teremos um artigo de capa, falando sobre as mães-terra!

Neste mês tivemos a honra de ter pessoas queridas nos artigos e algumas delas farão uma surpresa! Teremos artigos parte 1 e parte 2. A revista tem crescido e a assim como ela, os artigos também! Neste caso, os leitores poderão aproveitar em dose dupla todo esse conteúdo feito com amor! Além disso, tivemos novamente um conto neste mês!

Na Bilbioteca de Thoth, temos uma linda dica da mitologia universal; A Vitrola de Orfeu touxe uma banda russa impressionante; Nos Arquivos de Loki trouxemos desta vez um jogo milenar; A Nona Árvore traz um galho da mitologia grega em uma história com uma heroína feminina; Vamos ouvir também mais Histórias da Vó Tiana; Já na Academia de Quíron, outros cursos interessantes surgem!

E agora um aviso para o nosso amado leitor: a partir da próxima edição, a Nossa Revista se tornará **bimestral!** Assim, teremos mais tempo para derramar muito mais do amor pela mitologia nestas páginas tão cheias de carinho e conhecimento! Deste modo, a próxima edição será a de Setembro!

Abram seus corações para mais esta linda edição! Aproveitem!

Larissa Dias



Sou Larissa Dias, uma apaixonada pela Mitologia!
A Revista Eletrônica Mitologia Aberta surgiu com três principais objetivos: Divulgação, Colaboração e Paixão!

GUIA DE SEÇÕES

ILUSTRES ILUSTRADORES



Para saber um pouco mais sobre os artistas que dão vida às nossas divindades por meio de incríveis ilustrações.

ARTIGOS



Um grande banquete onde todos os deuses se encontram para partilhar conhecimento.

BIBLIOTECA DE THOTH



Thoth é o deus da sabedoria da mitologia egípcia e nesta seção vasculharemos em sua biblioteca dicas preciosas de livros de mitologia!

VITROLA DE ORFEU



Orfeu é o deus da música da mitologia grega e aqui teremos acesso à sua amada vitrola, repleta de mitologia musical!

HISTÓRIAS DA VÓ TIANA



Quem nunca teve um familiar que lhe contasse histórias? Minha avó Sebastiana era mineira e sempre me contava histórias. Aqui, estarão essas histórias, que fazem parte da mitologia familiar brasileira!

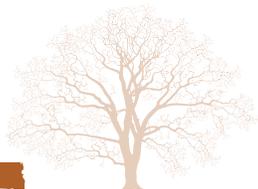
GUIA DE SEÇÕES

ARQUIVOS DE LOKI



Loki é o deus das trapaças na mitologia nórdica e com ele, tudo era fictício. Assim, muitos mitos se desenvolveram sobre as ficções criadas por ele. Por isso, nesses arquivos estarão algumas obras de ficção que foram baseadas na mitologia.

A NONA ÁRVORE



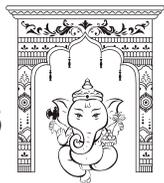
A Nona Árvore é uma seção especial para publicações de HQs mitológicas.

ACADEMIA DE QUÍRON



Quíron era um centauro da mitologia grega, que treinava os heróis! Então, nesta seção poderemos encontrar cursos, palestras e eventos de mitologia para quem queira se aprofundar neste tema encantador!

PANTEÃO DE COLABORADORES



Para saber um pouco mais sobre todos os incríveis colaboradores que criam cada uma de nossas sessões!

ILUSTRES ILUSTRADORES

Laina Joy tem mais de 15 anos de experiência artística, apresentando artes da última década em galerias e eventos.

Ela começou sua jornada artística em Michigan e se mudou para Chicago há 5 anos para expandir seu alcance criativo.

Desde então, sua arte tem sido apresentada em empresas, galerias e eventos. Sua arte é inspirada por pessoas de sua vida, cultura pop e uma admiração pelo abstrato / surreal.

Laina usa cores vivas e linhas ousadas para chamar a atenção para o assunto. Recentemente, ela exibiu seu trabalho artístico em galerias em Chicago (Illinois), Manhattan (NYC) e Houston (Texas) este ano.

Para ver mais de sua coleção, visite seu Instagram:

[@laina_joy_gallery_chicago](#).



Laina Joy

Instagram:

[@laina_joy_gallery_chicago](#)



"The Two Mothers of Earth",
Arte que ilustra a capa desta
edição

PRÓLOGO DOS ARTIGOS



A revista Mitologia Aberta está na sua sexta edição, e no mês de Julho teremos muitos artigos incríveis!

É a primeira edição que teremos nos Ilustres Ilustradores uma mulher e também é a primeira vez que teremos uma mulher na Nona Árvore! Digo isso porque no artigo de capa falo sobre as Mães Terra, divindades que ilustram lindamente a capa desta edição. O artigo aborda o porquê de existirem deusas da terra e traz um breve vislumbre de como se começou a adorar estas divindades.

O primeiro artigo trará uma interessante abordagem sobre o masculino e os deuses e como as divindades masculinas aparecem no comportamento do homem atual.

O segundo artigo nos traz de forma brilhante o mito de Enuma Elish e como aconteceu a ascensão do Deus Marduk no panteão mitológico babilônico!

Já o terceiro artigo traz com muito amor um relato de aprendizado com a mitologia. Um artigo cheio de energia que traz a importância da mitologia na nossa vida.

O quarto artigo traz uma reflexão platônica em um banquete com o deus do amor Eros, falando sobre a condição humana e sobre o amor!

Para finalizar, o quinto artigo será a primeira parte de duas trazendo uma explanação sobre o tema da loucura, desta vez falando sobre o universo mitológico da loucura de uma forma brilhante!

Então, vamos iniciar a nossa jornada nesta trajetória do mundo do mitos?

Boa leitura!
Larissa Dias

DEUSAS DA TERRA: A MAGIA DA MULHER

POR LARISSA DIAS

"Foi só bem tarde na história da vida humana sobre a Terra que as artes da domesticação de plantas e animais foram desenvolvidas, e com elas ocorreu uma mudança em que a autoridade passou do lado masculino para o lado feminino da equação biológica. As grandes preocupações não eram mais caçar e matar, mas plantar e cultivar. Uma vez que a magia da Terra e a magia das mulheres é a mesma - dar a vida e nutri-la - não só o papel da deusa se tornou central na mitologia, mas o prestígio das mulheres das vilas cresceu em igual medida..." (CAMPBELL, 2015, pág.21).

Achei importante trazer para o começo deste artigo essa frase do mitólogo Joseph Campbell, pois ela traz uma coerente motivação do surgimento da adoração à deusa e principalmente às deusas da terra nos

tempos antigos, onde as sociedades começaram a depender do plantio e da colheita e assim, começaram a se voltar para os mistérios da terra e da natureza.

Hoje em dia temos a facilidade de ter anos de prática da agricultura, mas em uma época onde isso era novidade, os povos antigos viam no nascer e crescer natural das plantas uma mágica simples da natureza, mas extremamente poderosa! E claro, essa mágica só poderia vir de uma divindade, e por que não de uma divindade que representava a própria Terra?

Isso não ocorria apenas com o ciclo agrário, mas com os planetas, com a chuva, com as tempestades, os vulcões, as grandes geadas e todos estes fenômenos tinham divindades para representá-los.

Porém, a terra trazia o alimento e isso significava que ali existia um poder maior, cuja intenção era zelar pela manutenção da vida dos humanos.

Mesmo os povos antigos observando o ciclo de plantio, crescimento e colheita já realizavam uma certa analogia com a gravidez, onde as mulheres eram fertilizadas e após isso crecia em seu ventre uma nova vida que poderia ser "colhida" ao nascer. Claro que povos mais antigos poderiam não compreender como ocorria a fertilização e de fato, o papel da mulher ficava muito mais importante quando se acreditava que ela gerava a vida apenas de si mesma.

Isso pode ser demonstrado pela imensa quantidade de estatuetas que foram encontradas pelo mundo todo na antiguidade e que traziam esse poder fértil do feminino. Segundo Eisler (2007) seriam necessários vários volumes para catalogar a quantidade de vestígios das religiões baseadas na deusa.

Conforme a mesma autora, os vestígios da agricultura neolítica datam de aproximadamente 10.000 anos. Com o desenvolvimento agrí-

cola, foi possível que as sociedades nômades criassem raízes e se desenvolvessem de um modo mais efetivo por estarem no mesmo local.

Por este motivo, existiam deusas da terra em diversas sociedades pelo mundo. Quase todas as deusas eram femininas, com exceção do deus da terra egípcio Geb, cuja contraparte feminina era a deusa Nuit, a deusa da noite e do céu. Mas conforme Regula (2002), atributos como o ensinamento da agricultura foram posteriormente designados à deusa Ísis, cuja notoriedade na mitologia Egípcia é muito presente.

Normalmente as deusas da terra estão presentes nos mitos da criação e uma vez que seu papel principal é gerar a vida, principalmente a vida humana, é nas cosmogonias que elas têm sua maior importância. É a partir dela, ou de seu corpo, que nascem as montanhas, as árvores, os animais, etc. (SPROUL, 1994).

No livro de Barbara C. Sproul, chamado *Mitos Primais*, é possível acompanhar o trajeto das deusas da terra de forma bem interessante, pois em uma publicação que traz apenas mitos da criação, fica fácil observar a

importância que elas exercem.

Além disso, o mundo atual percebe a importância da retomada do cuidado ambiental, o mesmo cuidado de relação respeitosa que os antigos tinham e que os indígenas ainda têm, por acreditarem que a Terra era uma divindade, e por isso mesmo, que ela era sagrada. A teoria de Gaia surge neste cenário onde a proteção ambiental se faz urgente diante de tantas catástrofes causadas pelos seres humanos, cuja grande magnitude preocupa o mundo como um todo.

Retomar a visão da Terra como deusa é tornar sagrado o planeta onde vivemos. Quem nomeou os planetas do sistema solar com certeza sabia disso, pois todos eles tem nomes da mitologia romana: Mercúrio, Vênus, **Terra**, Marte, Jupiter, Saturno, Urano, Netuno e Plutão (este que hoje não é mais considerado um planeta).

Para finalizar, é importante deixar uma reflexão: no cabo de guerra que se tornou o mundo atual, onde o consumismo excessivo e a proteção ambiental efetiva lutam constantemente, um bom resultado dependerá

de uma união imensa diante de uma mudança estrutural de mentalidade. Isso significa mudar o nosso modo de vida, e esse trabalho precisará de todas as forças possíveis agindo, e a luta de poder entre deuses masculinos e femininos não terá espaço. É preciso unir todas as forças, do cálice e da espada, para que seja possível realizar ao mesmo tempo a proteção e o usufruto da nossa Deusa Terra.

REFERÊNCIAS

- CAMPBELL, Joseph. Deusas - Os Mistérios do Divino Feminino – São Paulo: Palas Athena, 2015.
- EISLER, Riane. O Cálice e a Espada. São Paulo: Palas Athena, 2007.
- SPROUL, Barbara C. Mitos Primais. São Paulo: Siciliano, 1994.
- REGULA, Detraci. Os Mistérios de Ísis. São Paulo: Madras, 2002.

HÁ DEUSES EM TODOS OS HOMENS:

A PRESENÇA DOS ARQUÉTIPOS MITOLÓGICOS MASCULINOS

POR JORGE MIKLOS

INTRODUÇÃO

A reflexão deste artigo tem por premissa a tese de que todo ser humano possui em sua psique (a totalidade do ser) um território desconhecido compartilhado com a humanidade, que o fundador da Psicologia Profunda, Carl Gustav Jung (1875-1961), denominou de Inconsciente Coletivo. O Inconsciente Coletivo é uma camada profunda e primitiva do inconsciente, estruturada por arquétipos, e que está em relação com o corpo e os instintos. Os arquétipos são formas instintivas de representações mentais, que estão na origem das imagens universais, tais como o Herói, o Velho Sábio, a Grande Mãe, Puer Aeternus, Andrógino, entre outros. Os arquétipos são a estrutura do inconsciente coletivo.

Os mitos são as expressões culturais dos arquétipos. Os deuses míticos são metáforas dos arquétipos, são predisposições invisíveis e poderosas que atingem a personalidade, o trabalho e os relacionamentos. Dessa forma, existem deuses e deusas em todas as pessoas. Os deuses habitam a alma dos homens. Este artigo trata dos deuses que existem em todos os homens, ou seja, os padrões inatos arquetípicos que se encontram na psique, moldando os homens por fora e por dentro.

Pode-se indagar com qual deus há identificação, qual deus serviu de inspiração e qual deus acentuou a rejeição. A apropriação do conhecimento da dimensão mítica da cultura colabora para encontrar os parâmetros da alma, contribui para a construção de um caminho verdadeiro que reflita a fidedignidade

da psique e atribua significado à vida.

Mitos, Arquétipos e o Inconsciente Coletivo

Como nos ensinou o mitólogo brasileiro Junito de Souza Brandão, *"através do conceito de arquétipo, C.G. Jung abriu para a Psicologia a possibilidade de perceber nos mitos diferentes caminhos simbólicos para a formação da consciência coletiva."*

Para Brandão,

*"os arquétipos são ainda mais do que a matriz que forma os símbolos para estruturar a consciência. Eles são também fonte que os realimenta. Por isso, os mitos, além de gerarem padrões de comportamento humano, para vivermos criativamente, permanecem através da história como marcos referenciais através dos quais a consciência pode voltar às suas raízes para se revigorar"*².

Segundo Jung³, o ser humano ao nascer traz sistemas organizados e que estão prontos para funcionar graças a milhões de anos de evolução humana. Como dissemos, foi a essa camada profunda e primitiva do inconsciente que Jung chamou de inconsciente coletivo. Ela está enrai-

zada no corpo e corresponde à esfera instintiva, ou seja, mais arcaica do indivíduo, aquilo que desde sempre faz com que o humano seja humano.

O inconsciente coletivo não contém nada propriamente dito. Ele é constituído de possibilidades, de representações, que são matrizes virtuais que podem dar nascimento a comportamentos, imagens, ideias, emoções, e todos tipo de expressões que podem ser reconhecidas devido a intensidade subjetiva e objetiva.

Jung chamou essas matrizes de arquétipos. São estruturas correspondentes aos esquemas de comportamentos ligados aos instintos. Os arquétipos são organizadores do inconsciente e correspondem às diferentes fases da evolução humana, criando sentido. O arquétipo em si é uma forma vazia. Percebemos somente suas produções, às quais ele dá origem em determinadas circunstâncias. Não percebemos os arquétipos, mas sim suas representações ou as imagens arquetípicas. As produções arquetípicas se representam sob a forma de motivos que se encontram nos mitos, nos contos de fadas, bem como nos sonhos, sinto-

mas psicossomáticos, nos delírios e alucinações de pessoas psicóticas.

O arquétipo é um molde psíquico no qual são despejadas as experiências individuais e coletivas, onde elas tomam forma por meio de símbolos e imagens em si.

Os deuses, na qualidade de figuras arquetípicas, descrevem a estrutura básica do ser humano (homens - mulheres). Os arquétipos expressos pelos deuses são vestidos pelos indivíduos do gênero masculino, cuja singularidade é moldada pelo seu contexto histórico (classe social, nacionalidade, religião, experiências de vida, aparência física e personalidade). Apesar da sua singularidade, é possível perceber que esse homem segue um padrão arquetípico que faz lembrar um determinado deus.

Dessa forma, podemos correlacionar os deuses masculinos gregos com aspectos arquetípicos do masculino que refletem nas imagens e nos comportamentos do homem. É esse exercício de analogia entre os deuses gregos (expressões dos arquétipos masculinos) e os aspectos do masculino que faz a analista junguiana Jean

Shinoda Bolen no seu livro *Os Deuses e o Homem*. 4

Os deuses nos homens

Bolen olha para os deuses masculinos gregos (Zeus, Poseidon, Hades, Apolo, Hermes, Ares, Hefesto, Dionísio) na perspectiva da psicologia analítica, e reconhece que cada deus é expressão de um arquétipo que reluz na alma de homens e mulheres. A autora propõe conhecer as narrativas dos principais personagens masculinos divinos gregos e desvendar quais são os arquétipos que esses deuses expressam, alinhada à premissa na qual, ao perceber os deuses como arquétipos, pode-se ampliar a compreensão acerca de si mesmo e do outrem com mais clareza.

Bolen inicia descrevendo Zeus como o arquétipo do rei. Poder, autoridade e domínio sobre um território escolhido é a posição de Zeus, que quer uma casa e formar uma família, mas como extensões de si mesmo. Ele prefere também ser seu próprio patrão a trabalhar para outras pessoas. O arquétipo de Zeus também se manifesta naquelas pessoas que nascem em famílias com

poder e riqueza e tem por anseio expandir os limites do seu reinado. O homem Zeus bem-sucedido pode trabalhar em cooperação com outros homens de poder, nas reuniões sua palavra basta e as alianças são essenciais. Para Zeus, encontrar uma mulher não era questão de afetividade, e sim de aliança para consolidar o seu reino. Os outros arquétipos precisam estar presentes para manifestar paixão, amizade e outros aspectos para as necessidades pessoais.

As maiores dificuldades do homem Zeus é a distância e falta de maturidade emocional. Ele cria vários problemas para os outros: a esposa que quer intimidade e comunicação com um homem assim sofre decepção, porque ele negligencia os relacionamentos. Nesse caso, precisa desenvolver os outros arquétipos. Como modo de crescer, o homem Zeus deve entender a mensagem de que há alguma coisa errada. Diante de sua falta de introspecção (precisa descer aos domínios de Hades) e de sua distância emocional, não percebe que está mortalmente afastado de si mesmo. Quando acorda, a mensagem vem de alguém próximo: esposa que

o abandona e o filho que ele não conheceu; e depois dessa perda ele irá sofrer, por não ter o que agora lhe faz falta.

Ao irmão de Zeus, Posêidon, (Netuno – nome romano), coube o mundo do mar. Segundo Bolen, logo abaixo da plácida superfície do mar habita um deus irado, vingativo e emocionalmente intenso, que a qualquer momento pode explodir num acesso de fúria e despencar o que estiver na sua frente: este é o arquétipo de Posêidon. As emoções são contidas, em vez de expressas quando brotam. Posêidon é também o arquétipo que representa o domínio de grande beleza e profundidade. Acesso às profundezas emocionais (mundo submarino) é um aspecto desprezado na psique masculina, desvalorizado e reprimido pelas culturais patriarcais. Posêidon era o único deus olímpico que tinha acesso às profundezas da água. É a metáfora para o homem ou mulher que consegue penetrar profundamente no reino das emoções e sentimentos, obtendo acesso ao que se esconde lá embaixo. O aspecto de mergulhador de profundidade do arquétipo de Posêidon é expresso no poeta, no

dramaturgo (artes em gerais) e no psicoterapeuta, que é seguidamente levado a descer cada vez mais fundo no reino das emoções, onde entra em contato com a profundidade humana coletiva. Posêidon sente forte necessidade de “ser alguém importante”. O homem Posêidon não tem pensamento estratégico, como o deus que perdia as terras nas negociações, e quando era humilhado, reagia com fúria e cólera. Uma das suas reações era causar inundações, como a psique de um homem com seus sentimentos, afogando o seu pensamento racional. Se esse homem não consegue se impor no mundo, o lar se torna o único domínio em que ele pode ser rei.

Hades (Plutão nome romano) - filho de Cronos e Réia, irmão de Zeus e Posêidon. No seu nascimento foi engolido pelo próprio pai. Zeus e Mêtis obrigaram Cronos a regurgitar os filhos que havia engolido, e Hades, juntamente com Posêidon, uniu-se a Zeus para combater Cronos e os Titãs. Derrotado Cronos, os irmãos tiraram a sorte para dividir o mundo em três partes (céu, mar e mundo inferior). Hades ficou com o mundo

inferior, do qual só saiu duas vezes, e não teve filhos, expressando o arquétipo do homem recluso. O homem que se isola sem se importar com o que se passa no mundo carrega a existência de Hades. Ele pode ter perdido algo, que antes significava muito para ele, e agora pode viver no mundo das sombras, sem vitalidade. Há um tipo de Hades que prefere a subjetividade e a riqueza de seu próprio mundo interior, e é visto como um estranho, o recluso introvertido, pelo fato de passar tanto tempo só.

Hades, o Plutão recluso, é uma parte “que falta” em muitas pessoas, por não valorizarem os aspectos da introspecção, que é ter contato com suas próprias reações particulares às experiências externas. O homem que é Hades, introvertido por natureza, tem oportunidades de desenvolver outros arquétipos, para que cresça. Se for amado ou amar alguém, o reino das emoções também se tornará parte de seu crescimento, a coragem de se aventurar fora do seu próprio mundo.

Para Bolen, Apolo personifica a atitude masculina que observa e age

a distância. Ele brilha, é o mais importante filho de Zeus, e seus atributos conduzem ao sucesso dentro do patriarcado. Apolo é o deus sol, das artes, da música, da profecia e do manejo do arco; é também legislador e patrono da medicina. O padrão arquetípico é a força de vontade, a habilidade prática. Mirar alvos distantes e ter a confiança de que os atingirá. Apolo estabelece metas: sabe aonde quer ir, o que realizar, o que ganhar. Tem uma mente lógica e se relaciona com a realidade objetiva. Apolo era o filho favorito de Zeus, seu propósito é executar a vontade do pai. Parece imune a dores e lutas. O homem Apolo acha muito fácil estar nesse mundo racional e instrumental. Ele tem qualidades que levam a ter aprovação dos outros e a obter muito sucesso.

Hermes (Mercúrio) - filho dos deuses Zeus e Maia, conhecido como o Deus Mensageiro. Hermes viajava frequente e velozmente entre o Olimpo e o mundo inferior, entre o Olimpo e a terra, entre a terra e o mundo inferior, cruzando, sem obstáculos, todas as fronteiras. Os homens e as mulheres com arquetipo de Hermes

são os negociantes e comunicadores do mundo, transportando bens, informações e cultura de um lugar para outro. Fazer acordos, fazer dinheiro e fazer aliados são desafios que empolgam as pessoas de Hermes. O deus Hermes geralmente acompanhava as pessoas que iam de um reino para outro. Acompanhante das almas dos mortos até o mundo inferior, esteve ao lado de Perséfone quando ela saiu do mundo inferior, voltando para a mãe, Deméter. O padrão Hermes guia a pessoa que busca significado e integração dos reinos do espírito (Olimpo), da vida humana (terra) e da alma (mundo inferior), e depois comunica ou ensina o que aprendeu. Hermes é o guia das almas e buscador de significados, é inspirado, centrado na alma, busca acesso às verdades espirituais e se aventura pelos abismos de Hades. O homem ou a mulher que se identifica com o arquetipo de Hermes sente atração pelo sagrado, pelos mistérios da vida e do além-vida, e não se contenta em seguir um único caminho.

Outro padrão arquetípico está expresso no deus Ares (Marte). Deus da Guerra, representa a ânsia descon-

trolada por batalhas e derramamento de sangue. Ares é retratado com homem vigoroso e viril, normalmente usando armadura completa. O arquétipo de Ares, como o deus, está presente nas reações intensas e apaixonadas. Contato com sentimentos e seu corpo, que pode ser muito positivo em relação a fazer amor. Ira e raiva, quando aparecem, ele reage de maneira instintiva, o que às vezes pode ser prejudicial. Ares é a personificação da agressão, reação que provoca ímpetos ao lutar. O homem Ares é pessoa firme, ativa, intensamente emocional e corporal. Ele não pensa antes de agir. As reações dos outros têm grande importância no formato que sua vida assumirá. Assim como Ares, sedento de conflitos, evoluiu com o tempo, o homem Ares também pode mudar e evoluir. É protetor natural, que entrará em brigas corporais em defesa dos seus filhos. Esse tipo de homem ajuda os filhos a se sentirem emocionalmente seguros. Quando ficar mais velho, pode tornar-se líder da comunidade, disposto a combater pela segurança e pelos direitos dos outros.

Deus da Forja, Vulcano ou Hefesto

(deus, arquétipo e homem), personifica o anseio humano de fazer coisas e criar objetos funcionais e belos. Hefesto não era valorizado no reino de Zeus, onde importam poder e aparência. Era infeliz no amor e desprezado pelos pais. Por outro lado, era um gênio criativo e o único que trabalhava. Seus atributos são desvalorizados pela cultura patriarcal. Os homens em que esse deus atua têm dificuldades de obter sucesso. O homem Vulcano costuma ser intenso, introvertido e ter dificuldades para expressar os sentimentos. Ele pode se tornar um aleijado emocional ou um vulcão fumegante. É, porém, um homem produtivo e criativo. O homem Hefesto deve encontrar e desenvolver atitudes em seu íntimo que deem apoio e validem a sua pessoa e o que ele faz. Ele deve trabalhar para o desenvolvimento do seu talento criativo, pois assim superará as adversidades, as humilhações e os déficits.

O último arquétipo-deus analisado por Bolen é Dioniso (Baco pelos romanos). Ele está sempre próximo da natureza e das mulheres. É causa de conflito e de loucura. Deus do vinho, do êxtase, do terror, da

loucura e da abençoada libertação. Dioniso é dotado de poderosos potenciais, positivos e negativos. Ele cria conflitos com a psique e com a sociedade. É um arquétipo (deus) presente em homens místicos, mas também em assassinos. Trata-se de um arquétipo de homens e mulheres que experimentam momentos de êxtase e impulsos extremamente contraditórios. Esse arquétipo é caracterizado por tendências opostas e extremas. O homem Dioniso será feminino ou místico, contracultural, ameaçador, atraente e fascinante em demasia. Ele vive o presente e não se preocupa em ter sucesso. O trabalho de crescimento do homem Dioniso é mais complexo. É preciso que o EU seja capaz de observar e aceitar a realidade como forma de compensar a unilateralidade. Um relacionamento de compromisso para levar uma vida comum, embora Dioniso jamais será uma pessoa comum.

Conclusão

Um jovem na plateia de uma palestra certa vez perguntou ao mitólogo Joseph Campbell: - Como é que uma pessoa pode encontrar o seu mito? Campbell respondeu com outra

pergunta: - Onde está a sua mais profunda sensação de bem-aventurança? O jovem respondeu: - eu não sei, não tenho certeza! Campbell respondeu: encontre-a e depois siga-a!

O que Campbell quis dizer é que temos que viver o nosso mito e buscar a harmonia entre o mundo externo e o mundo interno. Bem-aventurança e alegria acontecem nos momentos em que vivemos nossa verdade mais elevada. Quando aquilo que fazemos é consistente com o nosso lastro arquetípico. Quando aquilo que fazemos, que pode ser algo comum, é assim mesmo sagrado. Somos parte de algo divino, que está em nós e em todos os lugares

Existem deuses e deusas em todas as pessoas. Os deuses habitam a alma dos homens. Pode-se identificar com qual deus há identificação, qual deus serviu de inspiração e qual deus acentuou a rejeição. A apropriação do conhecimento da dimensão mítica da cultura colabora para encontrar os parâmetros da alma, contribui para a construção de um caminho verdadeiro, que reflita a fidedignidade da psique e atribua significado à vida.

REFERÊNCIAS / NOTAS

1. BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia Grega. Petrópolis, Vozes, 1986. (p. 9).
2. Ibidem
3. JUNG, Carl Gustav. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Petrópolis: Vozes, 2000.
4. BOLEN, Jean Shinoda. Os deuses e o homem: uma nova psicologia da vida e dos amores masculinos. São Paulo: Paulus, 2012.

UM ESTUDO SOBRE A ASCENSÃO DE MARDUK:

“DA COADJUVÂNCIA AO PODER, O SUPREMO DEUS BABILÔNICO”

POR VITOR FILIPPO

“Enuma Eliš consiste em cerca de 1062 linhas de poesia babilônica, talvez 90% ou mais da obra esteja em bom estado. Ainda faltam peças, principalmente no meio.”¹ (FOSTER, 2012, p. 19). Além de ser dividido em sete tabletes.

O poema mostra como o deus *Marduk* derrotou a deusa primitiva *Tiamat*, e a partir do corpo de sua inimiga criou o mundo.

*“O principal objetivo de *Enuma Eliš* é justificar a aceitação do panteão da primazia de *Marduk* sobre qualquer outro deus (e, portanto, também a primazia de sua cidade Babilônia), porque ele derrotou os deuses da destruição (Tabletes 2 e 3). Ao exibir sua autoridade, *Marduk* molda o cosmos a partir dos restos de seu*

*inimigo derrotado, *Tiamat* (final do Tablete 4), atribui papéis cosmológicos aos deuses e cria os humanos para servi-los na Terra (primeira metade do Tablete 5). As linhas restantes (Tabletes 5-7) desenvolvem onomatologicamente argumentos para a singularidade de *Marduk*”². (SASSON, 2008, p. 493).³*

A data da composição do *Enuma Eliš* é algo bastante discutido entre os historiadores, porém, alguns acreditam serem do período de *Hamurabi*, outros do Período Cassita, nada obstante, Lambert e tantos outros grandes historiadores afirmam que o Épico foi composto durante o reinado de *Nabucodonosor I*, “Não foi um produto do período da antiga Babilônia, quando *Marduk* ainda não

era o rei dos deuses, mas de uma época em que a estátua de Marduk foi retirada do exílio em Elam e reinstalada na Babilônia em meio a um grande fervor religioso.”⁴ (LAMBERT, 2016, p. 8).

O assentamento de *Marduk* ao posto de rei dos deuses seguramente foi um desenvolvimento lento e gradual, que se iniciou no reinado de *Hamurabi* e que, segundo Lambert, por meio de fatores que aqui serão abordados, contribuíram para que no reinado de *Nabucodonosor I*, *Marduk*, assim, conseguisse ser o líder do panteão. O *Enuma Eliš* é o ponto crucial para essa tomada de decisão, e, como já dito anteriormente, o texto serve como uma apologia à soberania de *Marduk*. Botteró disserta uma corroboração sobre o tema:

“Este foi o resultado de uma profunda mudança política, mencionada acima, quando por volta do ano 1750 Hammurabi fez da Babilônia a capital de um único reino, que permaneceu intacto a partir de então. Assim, Babilônia e seu governante tinham precedência e autoridade sobre as outras cidades. O deus-cidade Marduk, que até aquele momento tinha pouca importância, devia da mesma forma ter

precedência sobre as outras cidades em primeiro lugar, e depois sobre os outros deuses. Deve ter levado séculos para que tal doutrina se tornasse totalmente desenvolvida. Por volta do ano 1200, o mais tardar, Marduk tornou-se reconhecido, tanto pela devoção popular quanto pelos teólogos, como o governante absoluto do sobrenatural e do mundo terreno, como se Enlil por sua vez lhe tivesse dado o trono para se aposentar com Anu. Digamos de passagem que o famoso Épico da Criação foi escrito na época como um regulamento desta promoção.”⁵ (BOTTERÓ, 1992, p. 214).

Desde o início o *Enuma Eliš*⁶ já é claro quanto ao poderio e à magnitude de *Marduk*,

*“Em Apsu nasceu Marduk,
Em Apsu puro nasceu Marduk.
Ea seu pai o gerou,
Damkina, sua mãe o deu à luz.
Ele chupou os seios das deusas,
Uma enfermeira o criou e o encheu de terror.
Sua figura era bem desenvolvida, o olhar de seus olhos era deslumbrante,
Seu crescimento foi viril, ele foi poderoso desde o início.”⁷ (Tablete I : 81 – 88).*

Marduk desde o início se mostrou bravo e destemido, após sucessivas falhas tanto do deus Ea quanto do deus AnuMarduk se apresentou para lutar contra Tiamat,

“Marduk, o sábio dos deuses, seu filho, avançou, Ele determinado estava a encontrar Tiāmat.

Ele falou comigo e disse, Se eu deveria me tornar seu vingador, Se eu devesse amarrar Tiāmat e preservá-lo.”8. (Tablete III : 113 – 117).

Após derrotar Tiamat, Marduk foi aclamado por todos os deuses.

“Você é Marduk, nosso vingador, Nós demos a você a realeza sobre a totalidade de todo o universo”9. (Tablete IV : 13 e 14).

Marduk ainda proclama que sua cidade, Babilônia, será o centro religioso do mundo,

“Vou encontrar minha câmara e estabelecer minha realeza.

Quando você sai do Apsu para tomar uma decisão, Este será o seu lugar de descanso antes da assembleia.

Quando você desce do céu para tomar

uma decisão,

Este será seu lugar de descanso antes da assembleia.

Chamarei seu nome de 'Babilônia', 'As Casas dos Grandes Deuses, Dentro dela faremos um festival, que será o festival noturno.”10. (Tablete V : 124 - 130).

A partir desse rápido resumo do Épico da Criação podemos observar que Marduk foi apresentado já com proeminência, e que ao término do poema é exaltado como campeão por todos os deuses. E que ele ainda impõe que a cidade da Babilônia seja o centro de seu mundo.

O *Enuma Eliš*, obviamente, não está distante da visão de mundo daqueles que viviam na Mesopotâmia, na qual figuravam sua cidade como ponto central do mundo, “O mesopotâmico visualizou sua cidade como estando localizada no centro de um mundo que não poderia existir sem ela, tanto em termos mundanos quanto cósmicos.”11. (VAN DE MIEROOP, 1997, p. 42).

Apesar do Épico da Criação ter apenas, supostamente, sido escrito no reinado de Nabucodonosor I (1125 – 1104 BCE), seus autores se utilizaram de elementos mais antigos

para poder manifestar e amparar toda a mitologia do mito.

“Mais interessante, do nosso ponto de vista, é a utilização de elementos antigos na elaboração de novas tradições inventadas para fins bastante originais. Sempre se pode encontrar, no passado de qualquer sociedade, um amplo repertório destes elementos; e sempre há uma linguagem elaborada, composta de práticas e comunicações simbólicas.” (HOBBSAWN e RANGER, 1997, p. 14).

Como já apontado anteriormente, no período sumério a cidade da Babilônia nunca fora citada. Na famigerada Epopeia de *Gilgâmeš Marduk* fora citado apenas uma única vez, no terceiro tablete verso 167.12

Tendo isso em vista, os autores do Épico, por intermédio de tradições e mitos já previamente existentes na longa tradição suméria, podem ter se apropriado da antiga ancestralidade suméria para justificar a ascensão do deus patrono da Babilônia, como se *Marduk* desde o “início dos tempos” já fosse o líder dos deuses. Botteró discute essa situação;

“Este épico justifica e celebra a ascensão do deus Marduk à soberania

*suprema sobre o Universo do céu e da terra. Após sua coroação, todo o coro dos deuses conferia a ele cinquenta nomes. A maioria dos nomes são em sumério e representam um número tão grande de prerrogativas que seu acúmulo o torna uma personalidade excepcional entre seus iguais.”*¹³. (BOTTERÓ, 1992, p. 88).

Já Lambert vai ainda mais fundo nessa questão e compara a luta de *Marduk* com *Tiâmat* com o mito de *Ninurta* contra *Zu*, “Ao mesmo tempo, seu autor fez amplo uso de material mais antigo: seu relato do conflito entre *Marduk* e *Tiamat*, por exemplo, deve muito à história já existente da luta do deus *Ninurta* contra o monstruoso pássaro *Zu*.”¹⁴. (LAMBERT e WALCOTT, 2009, P. 69).

Com isso, podemos considerar, baseado na afirmação de Lambert, que o Épico da Criação fora escrito no reinado de *Nabucodonosor I*, que o auto do *Enuma Eliš* quis demonstrar a todos que a cidade da Babilônia era superior às outras cidades mesopotâmicas, assim como o deus patrono babilônico em relação aos outros deuses. Assim sendo, tanto a Babilônia quanto *Marduk*, desde inícios dos tempos, segundo o mito,

já estavam predestinados a reinarem sobre os outros.

Obviamente a ascensão de *Marduk* ao topo do panteão não aconteceu num instante, e sim num processo temporal que culminou no período de realeza de *Nabucodonosor I* e o retorno da estátua (o próprio deus) de *Marduk* do exílio, bem como a composição do poema *Enuma Eliš*.

NOTAS

1) “Enuma Eliš consists of about 1062 lines of Babylonian poetry, perhaps 90% or better of the work. There are still pieces missing, mostly in the middle.”

2) “Enuma Eliš’s primary goal is to justify the pantheon’s acceptance of the primacy of Marduk over any other god (and hence also the primacy of his city Babylon) because he delivered the gods from destruction (Tablets 2 and 3). In displaying his authority, Marduk shapes the cosmos from the remains of his defeated foe, Tiamat (end of Tablet 4), assigns cosmological roles for gods and creates humans to serve them on earth (first half of Tablet 5). The remaining lines (Tablets 5-7) onomastically develop arguments for the singularity of Marduk.”

3) Sasson, Jack M. “Time & Mortality Creation Narratives in Ancient Israel and Mesopotamia”. In: EITORE CINGANO & LUCIO MILANO (Org.). Papers on Ancient Literatures: Greece, Rome and the Near East.

4) “it was not a product of the Old Babylonian period, when Marduk was not yet king of the gods, but of a time when Marduk’s statue was retrieved from exile in Elam and reinstalled in Babylon amid great religious fervor.”

5) This was the result of a profound political change, mentioned above, when around the year 1750 Hammurabi made Babylon the capital of a single kingdom that remained intact from then on. Thus Babylon and its ruler took precedence and authority over the other cities. The city-god Marduk, who up to that moment had little importance, had likewise to take precedence over the other cities first of all, and then over the other gods. It must have taken centuries for such a doctrine to become fully developed. Around the year 1200 at the latest, Marduk became recognized, both in popular devotion and by the theologians, as the absolute ruler of the supernatural and the earthly world, as if Enlil in his turn had given the throne to him

in order to retire with Anu. Let us say in passing. that the famous Epic of Creation was written at that time as a charter of this promotion.

6) A tradução utilizada será a de LAMBERT, Wilfred G. *Babylonian Creation Myths*. USA. Eisenbrauns. 2013.

7) In Apsu was Marduk born,
In pure Apsu was Marduk born.
Ea his father begat him,
Damkina his mother bore him.
He sucked the breasts of goddesses,
A nurse reared him and filled him with terror.

His figure was well developed, the glance of his eyes was dazzling,
His growth was manly, he was mighty from the beginning.

8) Marduk, the sage of the gods, your son, has come forward,
He has determined to meet Tiāmat.
He has spoken to me and said,
If I should become your avenger,
If I should bind Tiāmat and preserve you.

9) You are Marduk, our avenger,
We have given you kingship over the sum of the whole universe

10) I will found my chamber and establish my kingship.

When you come up from the Apsu to make a decision,

This will be your resting place before

the assembly.

When you descend from heaven to make a decision,

This will be your resting place before the assembly.

I shall call its name 'Babylon', 'The Homes of the Great Gods,
Within it we will hold a festival, that will be the evening festival.

11) The Mesopotamian visualized his or her city as being located at the centre of a world that could not exist without it, both in mundane and cosmic terms.

12) BRANDÃO, Jacyntho Lins. *Ele que o Abismo Viu: Epopeia de Gilgamesh*. Belo Horizonte. Autêntica Clássica. 2017.

13) his epic justifies and celebrates the accession of the god Marduk to supreme sovereignty over the Universe of heaven and earth. After his coronation the entire chorus of the gods was thought to confer fifth names upon him. The majority of the names are in Sumerian and represent such a large number of prerogatives that their accumulation makes him exceptional personality among his equals.

14) At the same time its author made extensive use of older material: his account of the conflict between Marduk and Tiamat, for example,

owes much to the already existent story of the god Ninurta's struggle against the monstrous Zu bird.

REFERÊNCIA

- BOTTÉRO, Jean. Mesopotamia: Writing, Reasoning, and the Gods. Chicago, University of Chicago Press. 1992.
- DALLEY, Stephanie. Myths from Mesopotamia: Creation, the Flood, Gilgamesh, and others. Oxford: Oxford University Press. 1991.
- FOSTER, Benjamin R.. Enuma Elish as Work of Literature. Journal of the Canadian Society for Mesopotamian Studies 7: 19 – 23. 2012.
- HOBBSAWN, E. e RANGER, T. (orgs.). A Invenção das Tradições. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.
- LAMBERT, Wilfred George. Ancient Mesopotamian Religion and Mythology: Selected Essays. Edited by A. R. George and T. M. Oshima. Tübingen: Mohr Siebeck, 2016.
- LAMBERT, W. G e WALCOTT, P. A New Babylonian Theogony and Hesiod. Kadmos, v. 4, n° 1. 2009.
- SASSON, Jack M. "Time and mortality: Creation narratives in ancient Israel and in Mesopotamia." In Papers on Ancient Literatures: Greece, Rome and the Near East. Proceedings of the "Advanced Seminar in the Humanities," Venice International University 2004-2005, edited by Ettore Cingano and Lucio Milano. Quaderni del Dipartimento di Scienze dell'Antichità e del Vicino Oriente -- Università Ca' Foscari, Venice, Italy 4, 489-509. Padova, Italy: SARGON, 2008.
- VAN DE MIEROOP, Marc. The Ancient Mesopotamian City. Oxford, Oxford University Press, 1997.

O QUE APRENDI COM A MITOLOGIA – OU PARA QUE SERVEM OS MITOS?

POR LIZANDRA SILVEIRA

Será que você consegue se lembrar quando foi a primeira vez que ouviu falar em mitologia? Sabe quando ela entrou suavemente na sua vida e fez morada em sua casa? Eu tenho pensado bastante sobre isso recentemente, tentando entender todos os caminhos e sincronicidades que fizeram parte da minha vida para chegar até aqui.

Faço aniversário em seis de janeiro, data em que, segundo a liturgia cristã, os Reis Magos chegaram até o local onde o menino Jesus nasceu, guiados pela Estrela de Belém. Uma amiga de minha mãe encontrou nesta tradição um motivo para me trazer sempre presentes com estrelas. Que eu amava – diga-se de passagem. Um desses presentes foi o livro “Como nasceram as estrelas – Doze lendas

brasileiras” de Clarice Lispector.

O livro continha uma lenda para cada mês do ano, e a lenda que dava nome ao livro, era a de janeiro. O que encantava minha mente infantil, encontrando relações entre o meu aniversário e o mês do nascimento das estrelas. Para mim estava tudo interligado. Era um dos meus livros favoritos, apesar das poucas figuras, abria minha imaginação para aquelas histórias.

Alguns anos depois, fui apresentada, nas aulas de história, aos mitos egípcios e à clássica Mitologia Grega. Foi aí que conheci este nome. MI-TO-LO-GIA. Confesso que durante toda minha adolescência, achei que este termo se referia apenas à greco-romana.

Os mitos seriam uma forma de explicar o mundo desconhecido, uma forma de lidar com todos os fenômenos naturais e entender melhor aquela região onde cada povo estava.

Na faculdade de História, aprendi conceitos bem claros sobre o tema. Logo no início de seu livro “Mitologia Grega”, Pierre Grimal esclarece:

“Todos os povos, em um determinado momento de sua evolução, criaram lendas, ou seja, relatos fabulosos aos quais durante certo tempo deram crédito – ao menos em algum grau. No mais das vezes, as lendas, por fazerem intervir forças ou seres tidos como superiores aos humanos, pertencem ao domínio da religião. Elas se apresentam, pois, como um sistema mais ou menos coerente de explicação do mundo, e cada um dos gestos do herói cujas proezas são relatadas é criador e gerador de consequências que ressoam pelo universo inteiro.” (GRIMAL, 1982, pág. 7.)

Kenneth Davis, no livro “Tudo o que precisamos saber, mas nunca aprendemos, sobre mitologia”, assim define o mito:

“(…) o termo mito tem diversos significados para diferentes pessoas, mas, em seu sentido mais básico, um mito pode ser definido como “uma história tradicional, em geral antiga, que fala de seres sobrenaturais, de ancestrais ou de heróis que funcionam como modelo fundamental da visão de mundo de um povo, seja explicando aspectos do mundo natural ou delineando a psicologia, os costumes ou ideais de uma sociedade”. (DAVIS, 2016, pág. 47).

Mas, uma pergunta sempre esteve presente em minha mente: se os mitos são formas de explicar o mundo de sociedades antigas, significa que não precisamos mais deles? São apenas histórias de crianças, credices? A mitologia ainda serve para alguma coisa?

Passaram-se alguns anos até que eu conseguisse encontrar uma resposta para essas perguntas. Um belo dia, procurando um livro novo para ler, encontrei “O poder do mito” de Joseph Campbell. O livro traz, em forma de texto, uma série de entrevistas realizadas por Bill Moyers com Joseph Campbell para a televisão nos anos de 1980 (entrevistas estas

hoje disponíveis no youtube).

O texto de Campbell fez uma reviravolta no que eu entendia sobre mitologia. Ele foi um antropólogo americano que dedicou sua vida ao estudo de mitologia comparada – onde vários mitos de diversos povos são estudados em conjunto e comparados em busca de mensagens parecidas.

Para início de conversa, a entrevista descrita no livro começa assim:

“MOYERS: Por que mitos? Por que deveríamos importar-nos com os mitos? O que eles têm a ver com minha vida?”

CAMPBELL: Minha primeira resposta seria: “Vá em frente, viva a sua vida, é uma boa vida – você não precisa de mitologia”. Não acredito que se possa ter interesse por um assunto só porque alguém diz que isso é importante. Acredito em ser capturado pelo assunto, de uma maneira ou de outra. Mas você poderá descobrir que, com uma introdução apropriada, o mito é capaz de capturá-lo. E então, o que ele poderá fazer por você, caso o capture de fato?” (CAMPBELL, 1990, pág. 14.)

Digo apenas que fui capturada logo de cara, como você pode imaginar. Campbell trouxe para a minha vida a

importante ideia do mito como um caminho, um mapa para a aventura que se descortina a nossa frente, na profunda descoberta de quem somos. É algo que nos aproxima de cada ser humano, nos conectando com a grande verdade do universo. A mitologia tem o poder de despertar o lado simbólico da vida, trazer significado, fazer florescer a vida interior de todos nós.

Segundo Campbell, os mitos contêm *“bocados de informação, provenientes dos tempos antigos, que têm a ver com os temas que sempre deram sustentação à vida humana, que construíram civilizações e formaram religiões através dos séculos, têm a ver com os profundos problemas interiores, com os profundos mistérios, com os profundos limiares da travessia, e se você não souber o que dizem os sinais ao longo do caminho, terá de produzi-los por sua conta.” (CAMPBELL, 1990, pág. 15)*

Em seus estudos, o autor percebeu que vários dos mitos possuíam algumas características comuns, com estruturas muito parecidas, mesmo sendo de tradições diferentes. À essas características ele denominou Monomito, ou como sua teoria ficou

mais conhecida, a Jornada do Herói. A jornada é composta de algumas fases que o herói deve enfrentar para conseguir atingir seus objetivos. Basicamente cabe ao herói abandonar uma condição, encontrar a fonte de vida e chegar a uma condição diferente, mais rica ou mais madura.

“Em todo o mundo habitado, em todas as épocas e sob todas as circunstâncias, os mitos humanos têm florescido; da mesma forma, esses mitos têm sido a viva inspiração de todos os demais produtos possíveis das atividades do corpo e da mente humanos. Não seria demais considerar o mito a abertura secreta através da qual as inexauríveis energias do cosmos penetram nas manifestações culturais humanas. As religiões, filosofias, artes, formas sociais do homem primitivo e histórico, descobertas fundamentais da ciência e da tecnologia e os próprios sonhos que nos povoam o sono surgem do círculo básico e mágico do mito”. (CAMPBELL, 2013, pág. 15.)

A teoria de Campbell foi posta em ação em diversos filmes como a Saga Star Wars, de George Lucas – amigo de Joseph Campbell. Ela foi inclusive

resumida por Christian Vogler, executivo da indústria cinematográfica, em seu livro “A jornada do escritor: estrutura mítica para roteiristas” e foi amplamente utilizada em diversos filmes da Disney.

Os estudos de Campbell foram fortemente influenciados pelas descobertas feitas por Freud e Jung, tanto na psicanálise quanto na psicologia analítica. Para Freud os mitos são resultado do inconsciente individual, que pode se manifestar também através dos sonhos, tendo, a maioria dos mitos, uma conotação sexual.

Já Jung acreditava que os mitos poderiam vir tanto do inconsciente pessoal quanto do inconsciente coletivo. *“Enquanto o inconsciente pessoal reflete as experiências de um indivíduo específico, o inconsciente coletivo é herdado, compartilhado por toda a humanidade.”. (Davis. Kenneth C. (DAVIS, 2016, pág. 79)* Para Jung todo o desenvolvimento psicológico da humanidade poderia ser estudado através das artes, dos contos de fadas e dos mitos.

O inconsciente coletivo se organiza

em padrões ou símbolos básicos, os quais ele chamou de arquétipos, que eram compartilhados por todas as mitologias. Jung afirma que:

“Por existirem inúmeras coisas fora do alcance da compreensão humana é que frequentemente utilizamos textos simbólicos como representação de conceitos que não podemos definir ou compreender integralmente. Esta é uma das razões por que todas as religiões empregam uma linguagem simbólica e se exprimem através de imagens.” (JUNG, 2019, pág. 190).

Jung destaca o fato de termos, atualmente, perdido o contato com o mundo dos símbolos, no mundo primitivo as fronteiras não são rígidas como as das sociedades “racional”, tendo a participação mística perdido espaço em nosso mundo objetivo.

“Estamos de tal modo habituados à natureza aparentemente racional do nosso mundo que dificilmente podemos imaginar que nos aconteça alguma coisa impossível de ser explicada pelo senso comum.” (JUNG, 2019, pág. 756).

Se nós perdemos o conhecimento desses símbolos, se não conseguimos

perceber os significados existentes nas mitologias antigas, como podemos, na prática, acessar essa sabedoria? Como podemos lidar com um mundo cujas solicitações são tão urgentes que mal conseguimos saber onde estamos? Se sempre temos algo sendo exigido de nós e não temos tempo de efetivamente entender quais são os nossos interesses verdadeiros?

Para mim, Campbell traz a melhor resposta que já encontrei. Ele afirma que precisamos estar conectados com a ordem cósmica, lembrar que ela ecoa em nós, pois nós somos natureza. Para que possamos alcançar esta conexão, tendo em vista que moramos em cidades, longe das matas sagradas de nossos ancestrais, devemos criar o nosso local sagrado.

“Você precisa de um quarto, uma determinada hora ou um certo dia em que não leia as notícias da manhã, não sabe quem são seus amigos, não sabe o que deve a quem quer que seja, nem o que lhe devem. É um lugar onde você simplesmente vivencia e traz à tona o que você é e o que pode ser. (...) Pegue o aparelho de som e ponha uma música de que você realmente goste, ainda que seja uma música piegas, ultrapassada,

que ninguém aprecie. Ou pegue o livro que você realmente gosta de ler. No seu lugar sagrado, você atinge aquele sentimento de respeito pela vida que esses povos antigos tinham para com o mundo todo em que viviam.” (CAMPBELL, 1990, pág. 105).

Através desse processo nós conseguimos entrar em contato com nós mesmos, vamos aos poucos acessando a essência de quem somos. Na constante busca de encontrar nosso lugar no mundo, nossa bem-aventurança.

“Pondo-se no encalço da sua bem-aventurança, você se coloca numa espécie de trilha que esteve aí o tempo todo, à sua espera, e a vida que você tem de viver é essa mesma que você está vivendo. Onde quer que esteja – se estiver no encalço da sua bem-aventurança, estará desfrutando aquele frescor, aquela vida intensa dentro de você, o tempo todo.” (CAMPBELL, 1990, pág. 104)

REFERÊNCIAS

- CAMPBELL, J. (1990). O poder do mito. São Paulo: Palas Athena.
- Campbell, J. (2013). O herói de mil faces. São Paulo: Cultrix - Pensamento.
- DAVIS, K. C. (2016). Tudo o que precisamos saber, mas nunca aprendemos, sobre mitologia . Rio de Janeiro: Difel.
- GRIMAL, P. (1982). Mitologia Grega. São Paulo: Brasiliense.
- JUNG, C. G. (2019). O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Harper Collings Brasil.

UM BANQUETE COM EROS: ASPECTOS FILOSÓFICOS E MITOLÓGICOS SOBRE EROS NA FILOSOFIA DE PLATÃO

POR ADRIANA FREITAS

Propomos uma reflexão sobre a visão platônica sobre Eros, o deus grego do amor e do desejo, e a figura quase mitológica de Diotima de Mantinéia, a mestra de Sócrates. Essa reflexão ocorrerá em duas partes: na primeira, a presente, faremos uma comparação com a mitologia grega e a visão platônica da figura de Eros. Na segunda conversaremos sobre Diotima, tentando “uma reconstrução” da figura da sacerdotisa que ensinou Sócrates, um dos maiores filósofos gregos.

O filósofo Platão, para ensinar sua filosofia, escrevia, principalmente, em forma de diálogos e quando queria reforçar algo que ele considera muito, muito importante ele nos con-

ta uma história que de forma geral é contada por Sócrates, seu mestre e, personagem central de seus diálogos. Essas histórias recebem o nome de mito filosófico ou alegoria filosófica. Em um de seus livros mais conhecidos O Banquete, o diálogo gira em torno do Amor e principalmente das figuras dos deuses Eros e Afrodite, personificações do Amor. Eros nos é apresentado, na Mitologia grega como o primeiro nascido do ovo posto pela Noite, origem e princípio da criação. Em outra versão Eros é o filho travesso de Afrodite, aquele que voa pelos ares e flecha os humanos fazendo-os se apaixonarem e como, para os gregos antigos, paixão era sinônimo de sofrimento, Eros era um deus bastante temido.

Um dia, porém, Eros experimenta de seu próprio veneno, por assim dizer, ele se apaixona por Psique, uma princesa, cujo nome tem na língua grega o mesmo significado para a mente, alma e também para borboleta. Psique é a alma gêmea de Eros, ela é Mente e Alma que se dispersa e flana como uma borboleta, nas flores e Eros é o princípio criativo amoroso e afetivo. Sem ela Eros é imaturo. Psique perde a criatividade. Tanto que ao final da narrativa mitológica, Psique, que era uma mortal, ganha suas asas de borboleta para acompanhar os voos de seu marido. Tanto na primeira versão do nascimento de Eros como filho da Noite, quanto nessa segunda ele aparece como o agente da afetividade, da criação, um deus nobre e alado.

Para Platão, no entanto, a figura de Eros, o Amor aparece de forma muito diferente. A narrativa do nascimento de Eros nos é apresentada pela figura de Diotima de Mantinéia, uma sacerdotisa estrangeira (não grega) versada nos assuntos do amor, ela nos é apresentada por Sócrates, e falaremos mais sobre ela em uma próxima oportunidade. No mito platônico, Eros é filho de Poros que

significa Caminho e de Pênia, a Pobreza ou Penúria, por ter sido concebido durante os festins que os deuses ofereceram em honra o nascimento da bela Afrodite, ele foi destinado a acompanhá-la. Por ser filho de Pênia ele é carente de beleza e delicadeza, é pobre, como a mãe, e vive na miséria, mas, por ser filho de Poros, o Caminho, herdou do pai o desejo pelo que é belo e bom: “Caçador assombroso, tece artimanhas, pensa apaixonadamente, soluciona, filosofa a vida toda” [...] (PLATÃO, 2008, p. 95). Segundo o filósofo, o amor, Eros, por ser filho de Caminho e da Pobreza, tem a falta ao mesmo tempo que anseia da busca, e não sendo belo, busca constantemente a beleza e o bem. Por isso, ele é Eros, é o primeiro filósofo, porquê está em constante busca. O filósofo é por definição aquele que ama a sabedoria e assim está sempre em busca de conhecimento.

Guardando toda a diferença entre os mitos tradicionais e o platônico Eros aparece como um princípio criativo. Seja como o primeiro criado que dá origem a tudo, ou como o amado de Psique que passa de filho travesso de Afrodite a homem maduro ao despo-

sá-la ou como o pobre filho de Caminho e Miséria, mas, o primeiro filósofo porque busca beleza, a bondade e a sabedoria, sendo assim um exemplo para os humanos.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia grega. Vol 2. 25 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- PLATÃO. O Banquete. Coleção L&PM pocket, vol 711. Porto Alegre: L & M, 2008.

A LOUCURA NOSSA DE TODO DIA!

DE HERÓI E LOUCO TODO MUNDO TEM
UM POUCO

PRIMEIRA PARTE: O UNIVERSO MITOLÓGICO DA LOUCURA

POR DANIEL KRONENBERG GLEZER

O universo da Loucura já está presente de maneira absolutamente contundente e definitiva no imaginário coletivo. Desde os tempos mais remotos da existência da civilização humana, a 'pessoa louca' carrega em si um estigma, e também um enigma, à espera de ser decodificado em sua totalidade, compreendido em toda sua essência. O phatos de cada um, que prevalece de maneira exacerbada no corpo e fragmentada na mente, é um mistério encantador. A figura do louco representa o imprevisível, o inacessível, o indomesticável, o abominável, o marginal, aquele que foge da normalidade e que vive numa dimensão paralela, que se envolve

em relações problemáticas e se organiza em meio a narrativas entrecortadas e muitas vezes sem sentido. Seria quase plausível tentar equipara-los a uma dimensão estética do feio, do grotesco, daquilo que, segundo Darwin aponta em seu ensaio sobre a expressão dos sentimentos no homem e nos animais, causa reações de desprezo, nojo e completa aversão. Quem não se lembra de figuras emblemáticas oriundas das mais aterrorizantes lendas urbanas, como a loira do banheiro ou o homem do saco? Tudo aquilo que desconhecemos ou ignoramos nos causa um certo temor e insegurança.

Ato heroico ou ato louco?

Desde que o mundo é mundo, desde que o próprio homem começou a se perceber em sua condição inelutável de sobrevivência, as fronteiras entre a loucura e a sanidade sambam numa ponte fina sobre o abismo. O limiar daquilo que ultrapassa o senso comum, que nos causa um ato desarrazoado, um desatino insequente, é encarado como algo que está fora da normalidade. E, por tal razão, deve ser escondido, protegido do julgamento alheio, protegido de nós mesmos. Não poupamos esforços em ocultar nossos desatinos dos olhos vizinhos. Quem de nós teria a coragem ou a audácia de revelar a todos um segredo muito íntimo, um pensamento impróprio e inadequado, uma vontade insana de cometer um ato desvairado ou uma insensatez qualquer? Tudo que nos arrebatá, nos estremece as vísceras e as pernas, nos atinge em nossas prudências e afeta os nossos sentidos, tudo que nos tira do prumo e dos eixos, temos a necessidade de refrear e recalcar em nós mesmos. Nos trancamos dentro da nossa pulsão envelopada da vida. Dizemos para nós mesmos que somos pessoas perfeitamente

arraçadas, equilibradas e comprometidas com uma lógica e uma conduta totalmente condizentes com o padrão estabelecido, com a normalidade das relações de convivência, com o que é socialmente aceitável. Quem poderia admitir-se louco? Mas afinal, o que é a Loucura sem a Razão? Como abstrair do homem a sua parte louca sem afetar a sanidade que lhe cabe? Uma vez que a loucura, segundo Foucault, está ligada ao homem, a suas fraquezas, seus sonhos e suas ilusões, como compreender a conexão entre essas duas faculdades da psique humana, numa relação simbiótica sem a qual uma ou outra não podem sobreviver? Para Foucault, *'A loucura é um momento difícil, porém essencial, na obra da razão; (...) A loucura é, para a razão, sua força viva e secreta.'* A razão é o comboio de vagões lotados de descrições, etiquetas e regras, enquanto a loucura é a locomotiva, o motor que tira a razão da inércia. A força motriz da alma. Um ímpeto de desarrazoada loucura, uma desmedida, uma *hybris* de criatividade e originalidade. O que nos mantém nos trilhos é esse limite do que deve ser tolerado para se viver em comunidade. Mas, e quando os trilhos se rompem?

Os primeiros contatos que a civilização ocidental teve com a loucura remontam às narrativas mitológicas. Na Grécia Antiga, não eram poucas as figuras que ultrapassavam a *hybris*, eram acometidas por um impulso que lhes levava a extrapolar sua condição de humano e, por isso, eram severamente punidas pelos deuses. Todo ato heroico em si, ou melhor, a própria vida, na realidade, começou com um ato de desobediência. O herói, assim como o louco, é atravessado por paixões e por afetos, por desejos incontroláveis, e disso se alimenta para constituir sua própria essência, corpo e psique integradas numa única pulsão de vida. No livro 'O Poder do Mito', Joseph Campbell fala sobre a saga do herói: *'São pessoas que se afastaram da sociedade que poderia protegê-los (...)'*. A pessoa maníaca ou paranoica, por exemplo, se arma de diversos mecanismos para isolar-se. Uma pessoa com espectro grave de autismo tampouco atinge um alto nível de sociabilidade. Seriam eles heróis? Seriam seus processos autocentrados de envelopamento uma busca incessante por autoconhecimento? Certamente, essa saga do herói encontra um eco bem importante no caminho que a pessoa

com psicose percorre ao tentar constituir para si elementos simbólicos que lhe deem sentido. E esse percurso é doloroso, traumático, mas fundamental, posto que por meio dele o encontro é possível. Um percurso cuidado pelo encontro, proporcionado pela escuta, pelo afeto e pela atenção. Um encontro onde a saga de cada um é colocada à flor da pele, no corpo e no espaço. O Encontro da pessoa com ela mesma, da sua ordem com a sua desordem, do seu herói com o seu louco, da sua saúde com a sua doença. O Encontro de si consigo e com o outro, tanto Herói quanto louco. Campbell nos fala sobre a *'coragem de enfrentar julgamentos e trazer todo um novo conjunto de possibilidades para o campo da experiência interpretável, para serem experimentadas por outras pessoas – é essa a façanha do herói.'* E a façanha do Encontro, ou o mistério, ou a proeza, proporcionado pela Casa do Todos (leia a parte 2 deste artigo na próxima publicação), é a de fazer suspender uma realidade brutal e inatingível, e trazer para o coletivo um grande painel de imagens simbólicas sobre todos os atos heroicos que presenciamos e vivenciamos, num transbordamento catártico e terapêutico de sentidos.

O louco enxergado pelo outro

“O louco não é manifesto em seu ser: mas se ele é indubitável, é porque é outro.”

“O louco não pode ser louco para si mesmo, mas apenas aos olhos de um terceiro que, somente este, pode distinguir o exercício da razão da própria razão.” Michel Foucault.

A figura do louco sempre me fascinou. Essa pessoa que age de modo estranho, fala coisas sem sentido, se retorce em gestos afiados, revira os olhos e faz caretas carrancudas, brada palavras de ordem contra a tirania... tem algo do impulso vital, da pulsão de vida. Não é à toa que muitas dessas figuras são retratadas na literatura, na pintura, no cinema. Para Sócrates, a própria filosofia, assim como a poesia, são algumas das facetas da chamada Loucura Divina, um impulso incontrolável que nos tira dos nossos hábitos corriqueiros. O teatro também seria uma consequência corpórea de outra dessas loucuras, a loucura do ritual, de Dionísio, o deus grego da alegria, da natureza, da fecundidade e do teatro. E só para ficar nessa seara, é possível identifi-

car inúmeras personagens, parcialmente piradas ou totalmente desequilibradas.

As primeiras obras do berço da civilização, de dramaturgos da Grécia do século V a.C. como Ésquilo, Sófocles ou Eurípides, tomaram emprestadas para si elementos diretamente dos mitos, de modo que figuras icônicas da mitologia contribuíram com um protagonismo bastante fiel às narrativas originais, nas quais, trilhando sua lucidez atravessada por momentos de loucura e insensatez, davam à sua condição humana um sentido sem a qual não seria possível viver. Medeia matou os próprios filhos para se vingar do marido. Édipo, após tomar conhecimento de que viera a matar o pai e casar-se com a mãe, fura seus próprios olhos em sinal de que o mundo que se vislumbra à sua frente já não é mais possível suportar. Antígona, por sua vez, insiste em enterrar o irmão contra a ordem do governo de Tebas e enfrenta todo e qualquer julgamento ao proclamar-se louca. O que há de tão fascinante nessas figuras?

E na toada dos gregos, outros dramaturgos, tão ou tão proeminen-

tes, também iluminaram, com impulsos desvairados e atitudes descompensadas, a complexidade da ação de outras tantas personagens, revestidas da mais pura loucura. Por que nos apaixonamos perdidamente pelas aventuras e trapalhadas de Don Quixote, quando este dança diante de moinhos de ventos como se lutasse com espadas contra gigantes? Em que medida o *gestus* quixotesco é entendido, por quem observa, como tomado por desatino e loucura? Que realidade é essa em que o herói luta? Em que medida a dimensão heroica do louco coincide com a sua própria catarse, com o fim da linha onde o que é simbólico e o que é real já não se podem desgrudar? Por que nos desesperamos com o conflito interno de Hamlet ou com a tristeza profunda de Ofélia? Por que nos compadecemos com a dupla morte de Romeu e Julieta em virtude de um amor que não pode acontecer?

O que a loucura tem de tão fascinante? Algo de misterioso a envolve, uma ancestralidade perene, uma presença sabedora de tudo. Um elemento que pode trazer a mudança a qualquer instante. O louco, representado na carta do tarô, por exemplo, é imprevisível, impulsivo,

despreocupado e espontâneo. O louco é um curioso incorrigível, um causador de confusão, um aprendiz da vida. Ainda que não saibamos exatamente onde a loucura começa, sabemos, segundo Foucault, através de um saber quase incontestável, o que é o louco, pois ele traz à tona a verdade, joga na cara de cada um aquilo que eles mais querem esconder. O louco, nesse sentido, é o palhaço. O bobo da corte põe em risco seu lindo pescoço todos os dias quando ousa falar poucas e boas para o rei. Qualquer um seria decapitado no mesmo instante. Mas ele não, ele pode, porque é o bobo, mas também é o devasso, o vagabundo, o libertino, o blasfemador, o insano, o demente ou o alienado. Prostitutas, homossexuais, batedores de carteiras, mendigos embriagados. Etc. etc. Etc.

E após falar um pouco sobre este universo mitológico da loucura, daremos passagem para a segunda parte deste artigo, que será publicada na próxima edição.

REFERÊNCIAS

- ECO, HUmberto. História da Feiura. Org. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- FOUCLAT, Michel. História da Loucura,
- Campbell, Joseph. O Poder do Mito. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- GASSET, José Ortega. Meditações do Quixote. São Paulo: Vide Editorial, 2019.
- ARISTÓTELES. Da Alma. São Paulo: Edipro, 2011.
- SARTRE, Jean-Paul. A imaginação. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2007.

CONTO: *DE ONDE O DIABO OLHAVA*

POR CHRISTOPHER QUEIROZ

O vento frio fustigava seu rosto. Como uma saraivada de navalhas, o ar gélido dilacerava a pele ressecada, imprimindo sulcos vermelhos na superfície amarelada. Queimava como brasa e enregelava o corpo esquálido a cada uma das lufadas contínuas, cuja passagem permeava as árvores com um canto estridente. As ondas negras, arremetidas com violência contra a encosta, não produziam espuma. O contorno da superfície lisa sob um perpétuo dilúculo cinzento lembrava metal derretido, e se revolia como que empurrado por uma besta enfurecida em um balançar obscuro. Cheirava a ferrugem e urrava com a voz em uníssono de uma legião em agonia. O cascalho da praia fisgava os joelhos de Fernando que, convalescente de sua árdua jornada errante, erguia com sofreguidão os olhos para a mais alta das rochas, castigada pela água e pelas intempéries, de onde o Diabo o olhava.

Se aquele era o inferno, Fernando não poderia afirmar. Estava lá há tempo o suficiente para se esquecer de como a vida costumava ser em suas minúcias. Não sabia como ou por que havia chegado àquele lugar, onde o Sol nunca nascia e a vigorosa tormenta nunca cumpria sua cominação, bradando seu clamor sórdido na abóbada celeste sem despejar sua ira ao solo. Os raios percorriam os céus como veias incandescentes e as nuvens rosnavam como um cão ameaçado. De sua promessa, no entanto, apenas uma garoa fina e constante era vertida. Esperava fogo e enxofre, danações a uma multidão ensandecida, clemente por misericórdia, e pestes tomando o céu como uma nuvem de vespas. Esperava demônios alados com seus forcados nas mãos e o sorriso sardônico nas feições inumanas, punições severas e grilhões em brasa. Não. Aquele não poderia ser o inferno. A cidadela abandonada tinha ruas e casas. Cercas de arame retor-

cido presas por hastes de madeira pútrida. Fábricas e hangares vazios com seus telhados enferrujados e paredes desgastadas. Das janelas e portas abertas só o que se via eram espaços vazios e as ervas daninhas que infestavam as cavidades na pavimentação estavam secas e enegrecidas. O fogo era tão somente uma esperança de calor naquele clima glacial que, tantas vezes, fizera Fernando, desnudo, buscar a vã tentativa de abrigo nos próprios braços.

A alvorada cinzenta era um perjúrio constante que impedia a contagem do tempo. Horas, dias, semanas, meses ou anos eram um conceito inexistente, formando parte do sadismo daquela terra esquecida. Fernando vagou por um período incalculável por aquelas ruas que nunca pareciam as mesmas, embora todas semelhantes entre si, até que os passos ébrios de uma caminhada exaustiva o guiaram até a praia. Impelida por sua sede, a insanidade daquela solidão arrebatadora levou seus pés até as margens daquilo que lembrava um enorme lago, mas se comportava como um oceano. Sorvia o que podia do fluído amargo, com as mãos esqueléticas em conchas. Sua

pele parecia de um barro amarelado, modelado toscamente sobre os ossos que doíam com o frio. E foi lá, no desespero de sua dessedentação, que avistou a única forma viva – ou assim parecia – que encontrara por todo aquele tempo interminável.

A apresentação se fizera dispensável. Fernando, de alguma forma íntima, soubera que aquele que o encarava do alto da rocha escura e pontiaguda, a despeito da ausência de chifres ou garras, de olhos flamejantes ou asas encouraçadas, era o Diabo. Com feições comuns e trajando roupas mundanas, o Diabo sustentava o olhar inescrutável para Fernando. O silêncio somente era interrompido pelo impacto das águas negras contra as rochas e pelo lamento do vento. As débeis batidas em seu peito, cadenciadas como o movimento das asas de uma mariposa moribunda, não faziam jus à emoção de Fernando. O terror frente ao seu observador não era maior que sua ânsia por respostas que justificassem as atuais conjunturas.

Tentou se erguer para ir até ele, mas as pernas vacilaram e cederam com o peso do corpo. Estaria morto? Partira de sua vida para então apodrecer co-

mo um cadáver animado no ínfimo do que poderia ser chamado de sanidade, naquela cidadela cujo nome era incapaz de pronunciar? Se assim fosse, não faria objeções. Sua vida não fora tão diferente da situação que vivenciava naquele lugar silencioso e abandonado. Não essencialmente, ao menos. A solidão de uma vida frustrada e fadada ao fracasso não seria capaz de gerar raízes fortes o suficiente para que Fernando abdicasse de seu destino. Mas queria respostas. Uma resposta, ao menos, em meio a uma infinidade de perguntas lançadas ao léu, ao longo dos vinte e oito anos transcorridos em uma existência vazia. Um pequeno gesto de misericórdia para que sua essência pudesse repousar, consciente das razões de sua penúria, naquela praia cuja orla era castigada pela maré sem nenhum testemunho senão o dos dois presentes.

Tomado pela ânsia por esclarecimentos, rastejou-se na direção do Diabo. O cascalho debaixo de si cortava sua pele e o sangue que eclodia das mãos, enrugadas pela chuva, coagulava em instantes. Desidratados demais para fazerem brotar lágrimas, os olhos se contraíam traíam em an-

gústia. Rosto contorcido formava um esgar de loucura, à medida que seu corpo ferido venciam a distância até o ser que permanecia de pé, incólume, sobre o rochedo. O ar seco o queimava da laringe aos pulmões, cortando suas entranhas como facas, a cada vez que tomava fôlego em seu trajeto. Não poderia estar morto. Um morto, afinal, não seria capaz de sentir seu corpo ser eviscerado pelas pedras, tampouco precisaria respirar. Um morto não sangraria ou sentiria dor, não sofreria os espasmos causados pelo vento ou a náusea da água negra se revirando em seu estômago. Não sentiria medo ou cansaço, não buscaria respostas para seus anseios ou notaria as consequências do ar rarefeito em seus pulmões. Um morto somente existiria na apatia de seu estado, alheio à vida, em seu repouso eterno, até que os vermes o consumissem. Próximo o suficiente para se fazer ouvir, buscou o ímpeto em seu cerne e a voz, débil e adornada por incertezas, inquiriu ao Diabo:

- Estou morto?

Fitando-o com olhos humanos, ainda estático em seu rochedo, o Diabo nada disse.

Estarrecido e incrédulo, empregava uma força descomunal para manter a cabeça erguida de modo a tentar vislumbrar alguma emoção no Diabo que desvendasse suas intenções. Deveria haver alguma razão para estar lá. Algum passo inócuo que o tenha levado por um caminho percorrido de maneira inconsciente até lá. Tentava pensar, mas sua mente fora tomada pelo breu, e de nada em sua vida podia se lembrar, além do amargo que envolvia a alma e tomava os sentidos. Um cheiro, uma cor, uma sensação ou um sabor. Nada disso fazia sentido. Com as têmporas latejando, Fernando limpou o sumo pegajoso que escorria de sua boca ao queixo. O amargo da água negra que embrulhava suas vísceras trouxe à superfície de sua mente uma fagulha de lembrança. Um tilintar ecoando ao longe, amargurado e solitário, ressonando como um sino de vidro, precedia em algum momento do passado um sabor análogo em sua boca. O fogo invadindo sua garganta e aquecendo seu ventre, espantando com seu calor as sombras que o aturdiavam. O som de um lacre sendo rompido com o giro de uma tampa plástica e o gorjear macio do líquido de aroma forte contra o copo de vidro fizeram suas

mãos tremerem. A língua seca estalou no céu da boca. Os lábios, fendidos pelo vento e pelo frio, comprimiram-se à memória do sabor.

Impossibilitado de trabalhar, Fernando tirava seu sustento da pena dos familiares. Não que alguma enfermidade o afligisse, mas a vida pesava como uma densa mortalha sobre seus ombros. A luz do Sol feria seus olhos e interagir com as pessoas, importantes como eram em suas vidas perfeitas, era ser lembrado de seu próprio fracasso; do desemprego que era carregado como um fardo há anos e de seus modos rudes no que dizia respeito à comunicação. Era lembrado de sua escolaridade não concluída e de sua falta de ambições. Das profundezas de sua insignificância era tragado para seu leito e lá permanecia, contemplando as tábuas que compunham o teto enquanto imaginava o quão afortunada sua vida poderia ser em outro contexto. No quanto gostaria de ser alguém diferente de quem era e calçar outros sapatos senão os dele. Vivera os últimos anos dos quais podia se lembrar em uma edícula nos fundos do terreno em que sua tia avó vivia. Seu nome era uma lembrança remota

demais para que a mente, então perturbada pelo ar da cidadela, pudesse buscar. Algo pouco melodioso que soava e vergonha, a comiseração desgostosa, oculta sob os óculos de meia lua, e ao lábio idoso crispado em desprezo. O álcool ao menos preenchia as lacunas abertas pela esperança vã de uma vida próspera. Ocupava as saliências destinadas ao emprego e à companhia. À família e ao afeto. Abrandava a tormenta de suas emoções e fornecia o conforto que faltava em seu travesseiro durante as noites em claro.

Mas a bebida certamente não seria capaz de guiá-lo àquele lugar de perdição. Era sua benção nas noites solitárias em que o leito se enrijecia, de modo a não permitir seu sono, e sua salvaguarda durante o frio que envolvia algo além de sua pele. Mais íntimo que suas carnes secretas, intocadas por quaisquer mãos senão as suas próprias. O álcool era parte de um hábito ruim, e nada além disso. Mesmo as famílias perfeitas que tanto despertavam sua inveja também guardavam hábitos escusos em seu seio, Fernando bem sabia, e esses segredos seguramente não seriam sua sentença ao inferno. As

garrafas eram as muralhas de seu refúgio, não suas armas, afinal. A lembrança desse hábito fez sua boca secar. Se ao menos tivesse ao seu dispor um pouco do fluido cristalino que iluminava suas noites como uma lamparina no negrume de seus tormentos, obteria forças para se levantar e ter com seu observador. Com o peito arfando no frenesi de uma sede que não poderia ser saciada por água alguma, os dedos esguios e maltratados buscaram, em meio ao cascalho no qual se apoiavam, algum vestígio, deixado pela fortuna, de seu tão estimado líquido. Nada encontrou, senão a areia fina sob as pedras que o magoavam a pele.

Aquilo tudo não poderia ser real. O céu sem estrelas, o silvo dos ventos e as ruas abandonadas. Todo aquele lugar não poderia ser real. A loucura finalmente havia reivindicado seus sentidos – pensou consigo mesmo – soprando para longe o que restara de sua cognição. Mas tinha consciência da circunstância em que vivia. Do toque em sua pele, do sabor em sua boca e do perfume metálico das águas e iam e vinham contra os rochedos. Sentia sua débil respiração e o solo sob seus membros. Um louco não seria capaz de encontrar a si

mesmo em uma situação tão aterradora. Tinha controle sobre seus movimentos, ainda que retesados pelo frio e pelo medo, e estava certo de suas faculdades. Não, aquilo não era loucura, tampouco uma alucinação. Um sonho vívido, talvez. Já os tivera antes. Pesadelos tão verossímeis que o deixaram febril ao despertar. Levou a mão ao rosto. Seu toque era frio e úmido. Ardia e parecia queimar. Ele estava lá. Estava vivo em si mesmo, ainda que em sonho, testemunhando os horrores daquele inferno.

Beliscou seu braço, na tentativa de despertar. A dor pontiaguda da unha sendo cravada no membro subiu à garganta. A meia lua arroxeadada, talhada na tez pálida, era a assinatura de sua frustração. Ali permanecia, os joelhos dobrados sobre o cascalho e a garoa chicoteando o rosto. Mordeu seu pulso, infringindo mais dor ao corpo sôfrego. Apertou os olhos à medida que os dentes se enterravam na carne mole. As veias pulsavam na boca. Não precisou abrir os olhos para perceber que não havia despertado. A mão ferida amparou a cabeça desolada. Teria chorado se tivesse forças para tanto, mas chorara tantas vezes ao longo dos anos que o

ato em si perdera o sentido. Não causava qualquer alívio para sua alma. Não era o suficiente para exprimir sua dor. Com a esperança derrotada, dirigiu sua atenção para aquele que o observava.

- Estou sonhando?

O Diabo, calado e impassível como outrora, nada disse.

Precisava sair de lá. Precisava se levantar e encontrar um caminho que o levasse de volta à sua casa e à sua vida. Ao estado letárgico de uma existência com a qual já estava tão acostumado. Ergueu um dos joelhos e apoiou o outro ao solo. A perna de apoio, fina como um galho, vibrou em fraqueza sob o peso do corpo, que parecia pesar toneladas, cedendo por fim. O joelho estalou com uma dor lancinante e o rosto foi ao chão. Os braços magros não tinham forças para suspender o peito a partir do qual era possível se contar as costelas. Com os pulmões ardendo em função do esforço hercúleo empregado na tentativa de se colocar de pé, respirava o que era uma mistura do próprio sangue, que descia pelo nariz, areia e o ar gélido que vinha do Leste. Não podia se mover. As pernas,

feridas pelo peso do corpo, não respondiam aos seus comandos. Queria pedir ajuda, mas não conseguia falar, tampouco o pedido se faria ouvir por qualquer um além daquele único ser em toda a cidadela, que o observava calado e sem reações. Não seria diferente, contudo, se estivesse em sua casa. Mesmo em sua vida, cujos detalhes não se faziam lembrar com fluidez, pedir ajudar seria inútil. Seria como recorrer ao mesmo Diabo inerte, prostrado sobre o rochedo.

Fernando não tivera muitas pessoas ao seu redor. O repúdio nos olhos de alguns e a complacência nos olhos de outros formavam a linha que delimitava sua aproximação. Todos tiveram boas vidas, afinal. Amigos, amores, risadas e passeios por uma cidade ensolarada, pulsante com o brilho alegre da vida, eram coisas sobre as quais Fernando somente tinha conhecimento teórico, embasado por aquilo que via, com tristeza, a partir das janelas de pintura encarquilhada do seu quarto. Um sonho que morria atrás de seus olhos, antes mesmo de colocar os pés para fora de sua cama. Sentia como se um véu o separasse daquelas pessoas. Ele não era perfeito. Não era

bem quisto. Nas poucas aproximações que costumava ter, a pena nos olhos de seu eventual interlocutor precedia alguns quantos conselhos que já havia escutado tantas outras vezes. Procure um emprego. A vida é mais do que isso. Tudo vai ficar bem. Você precisa reagir. As mesmas palavras de quem via de fora, repetidas por outras bocas ao longo dos anos, seguidas de um toque de contragosto nos ombros.

Fernando era da forma que era, não precisava de nada daquilo. Dos conselhos vazios, dados por mero desengano de consciência, da aproximação desgostosa ou do amarelo nos sorrisos, entalhados por uma vontade que não era forte o suficiente para esconder a repugnância que sentiam. Não era querido como seria se fosse mais uma daquelas pessoas radiantes, que riam sob o Sol e traziam as faces despidas de preocupações. Ele era como o lixo. Era uma carta de algum amor antigo, amassada e esquecida no fundo de uma gaveta. Era uma mera lembrança desagradável nos almoços de família, cuja ausência se fazia notar com um certo alívio. Era a vergonha que seus entes tentavam esconder, moldando a lapidando sua forma até se encaixar

aos contornos obtusos esperados em um retrato. Em essência, ele não tinha ninguém.

Ciente de não ter a quem recorrer, Fernando fitava o cascalho sob o seu rosto. As gotas viscosas, vertidas de seu nariz, pintalgavam as pedras aqui e ali com um profundo tom escarlate. Rastearia para fora da praia, como fizera durante sua vida. Se deslocaria como um animal ferido na beira da estrada, lutando por uma vida que não perduraria mais do que algumas horas de dor ao relento. Solitário e abandonado, como o arremedo de ser humano que era, não teria qualquer ajuda senão a sua própria. Como se imaginasse a resposta se projetando a partir dos lábios humanos de seu observador, questionou ao Diabo:

- Sou amado?

O Diabo, sustentando o mesmo olhar, nada disse.

Fernando, conformado com seu abandono, se deixou cair ao solo pedregoso. As gotas, empurradas com violência pelo vento gelado, dançavam em seu rosto como uma correição de formigas, famintas por seu tormento. Os olhos cansados

contemplavam a interminável esgrima dos relâmpagos além das nuvens baixas. O rugido dos trovões, graves e distantes, contínuos e ameaçadores, faziam coro com o assovio desarmonioso das lufadas cortantes e com as águas revoltas contra as rochas. Se estava no inferno, não se sentia em nada diferente do que costumava ser em sua vida. O mesmo invólucro de carne vazio que fora outrora, só e despido de esperança, tal qual era nas noites que passara em sua cama. Já habitava o inferno havia muitos anos, afinal. Estava na dor que o consumia e na culpa que jazia à periferia de seus olhos. Estava nos soluços desamparados de seu pranto e na catatonia de seu âmago. Olhou uma vez mais para o Diabo, que, com as feições de Fernando em seu rosto, o fitava com o mesmo olhar duro que inúmeras vezes vira em seu reflexo no espelho do banheiro encardido.

Resignado, permitiu-se pertencer àquela cidadela morta. Ao inferno que era tão seu quanto seu próprio nome. Tão real quanto sua dor e tão familiar quanto o quarto que chamara de lar nos dias apagadiços de sua memória. Em meio ao cascalho daquela praia odiosa, sobre a qual o

Sol nunca mostrava sua face, expirou o ar quente de seus pulmões, repousando em sua solidão diante da mais alta das rochas, pontiaguda e desgastada, coberta por cracas e algas, de onde o Diabo o olhava.

CONTO ORIGINALMENTE PUBLICADO EM 02/09/2020, NO SITE DO AUTOR: <https://cafe-com-pestilencia.blogspot.com/2020/09/de-onde-o-diabo-o-olhava.html>

NOTA DA EDITORA: Este conto traz uma perspectiva muito interessante sobre o papel do "diabo" e as formas como ele age na nossa psique. A mitologia que envolve o diabo está presente no imaginário dos povos cristãos, desde o desenvolvimento do Antigo Testamento.

Nossa Revista não possui uma seção específica para contos, mas ficamos muito felizes em receber e poder publicar contos que tragam figuras enigmáticas da mitologia, para que possamos pensar sobre elas por meio do poder das histórias!

Larissa Dias



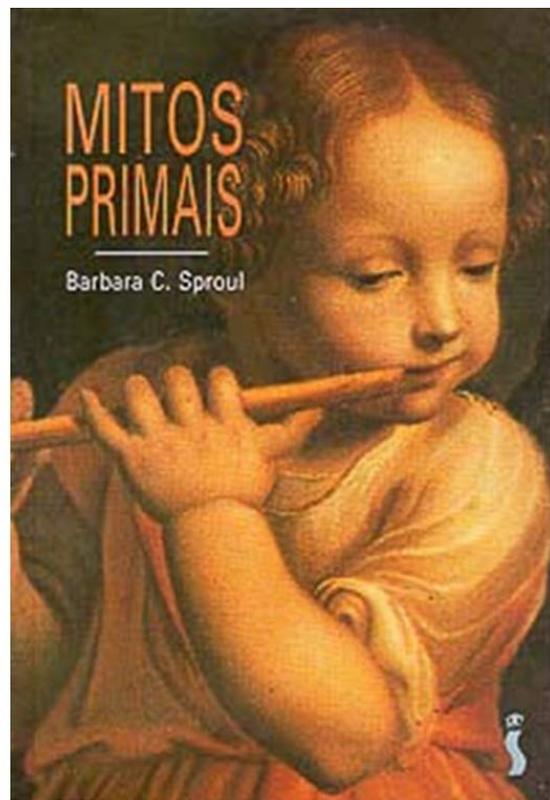
LIVRO: MITOS PRIMAIS

AUTOR: Barbara C. Sproul

POR LARISSA DIAS

Antes de começarmos com a indicação em si, gostaria de falar sobre a história deste livro na minha vida: quando conheci a mitologia e decidi estudá-la (há 15 anos!), uma amiga querida me disse que eu estava mexendo em um vespeiro, de onde nunca mais deixaria de sair conteúdo! Na época eu apenas sorri, mas, 15 anos depois, eu vejo que talvez nunca saiba tudo o que quero sobre a mitologia, tão vasto e surpreendente que é este mundo! Se até hoje temos descobertas mitológicas da arqueologia sobre Roma, Egito e outras civilizações, então creio que este vespeiro sempre estará frenético e movimentado!

No dia seguinte que minha amiga me disse isso, ela me presenteou com este livro, que era dela, e disse: "um bom jeito de começar!". Quando abri o livro e vi que a autora tinha sido aluna de Joseph Campbell, fiquei muito feliz com a minha nova aquisição!



Bárbara é diretora do Programa de Religião no Hunter College da City University of New York e estudou os mitos primais, aqueles mitos que contam história sobre as cosmogonias, ou seja, sobre a origem do universo em mitologias do mundo todo.

BIBLIOTECA DE THOTH



A autora inicia o livro falando sobre os Mitos Africanos, e traz a mitologia dos Bosquímanos, Hotentotes, Barotse, Iaô, Suaili, Buxongo, Bulu, Ngombe, Nandi, Dogon, Mande, Krachi e Fon. Observando essa variedade de mitos, apenas da África, é possível imaginar o que livro nos trará!

O próximo capítulo traz os Mitos do Oriente Próximo, com mitos do Egito, sumérios, babilônicos, e assírios, do Antigo e do Novo Testamento, os mitos de Zoroastro, dos gnósticos e do Islã.

Depois, a autora vai para os Mitos Europeus, dos gregos e romanos, e também do norte da Europa.

No capítulo seguinte ela aborda mitos da Índia, hindus, dos jainas, budistas e tribais dhammai.

Ela também traz os Mitos da China e Japão bem como Mitos Siberianos e Esquimós, dentre estes, dos Tungus, Mongóis, Buriates Alarsk, Altaicos, Esquimós e Esquimós de Chuckchi.

Depois, ela traz Mitos Norte-Ameri-

canos, com uma variedade entre Joshua, Salinan, Wyot, Maidu, Cupeno, Okanagon, Salish-Sahaptin, Blood, Huronianos, Mandan, Assiniboine, Cheroquis, Yuchi, Apaches, Hopi e Zuni.

Na sequência, entra nos mitos da América Central e do Sul, apresentando as cosmogonias dos Maias Quiché, Maias, Incas, Yaruto, Jivaros e Undurucu.

A autora finaliza falando sobre os Mitos da Austrália e do Pacífico, falando dos Wulamba, Aranda, Kakadu, Yami, Negritos, Ceram Ocidental, Melanésia, Ilhas Banks, Marshall, Maiana, Maoris e Taitianas.

De forma geral, o livro é uma maravilhosa sistematização de mitologia comparada, onde podemos observar como os povos de diferentes culturas entendem a criação do universo. Olhando os mitos primais é possível compreender como surge a estrutura de pensamento de um povo. Por este motivo, o livro é muito interessante e aparece aqui indicado!

Boa Leitura!

VITROLA DE ORFEU



ARTISTA: Arkona

MÍDIA: Goi, Rode, Goi!

POR LARISSA DIAS

Já faz algum tempo que tenho verdadeira adoração por esta banda russa, originalmente formada em Moscou!

Para começar, a vocalista Masha Archipova é uma figura intrigante. Ela é conhecida como Masha "Scream" (Grito) e isso não é a toa. Ela tem uma voz poderosa, que transita entre uma doce voz feminina para um cantar gutural de arrepiar a espinha!

A banda de folk metal aparece em seus shows com peles de lobo, tambores, gaitas de fole, um imenso crânio de boi ou búfalo, cujos cifres mostram a força da banda!

Além do som enlouquecedor que eles fazem, o Arkona traz letras carregadas da mitologia, do folclore e dos valores eslavos. Isso faz com que a banda ganhe fãs pelo mundo inteiro, embora todas as letras da banda sejam cantadas em russo.

Agora falando dos álbuns: a banda



conta com 19 álbuns entre demos, álbuns de estúdio e gravações ao vivo. A atmosfera única da banda possibilita que nos transportemos para as terras eslavas em seus shows, então os álbuns ao vivo são impressionantes!

O nome Arkona traz o nome da última cidade castelo eslava. Quando Masha formou a banda em 2002, ela criou a possibilidade de cantar sobre a temática do folclore russo. Assim, o primeiro CD demo de 2003, se chamava "Rus".

VITROLA DE ORFEU



Após o primeiro álbum, o Arkona lançou em 2004 mais dois álbuns, o "Vozrozhdenie" (Revivificação) e o "Lepta" (Contribuição). Posteriormente, em 2005, eles lançaram o incrível álbum "Vo Slavo Valikim!" (Gloria a Valikim!). Em 2006 eles lançaram o CD e DVD "Zhizn Vo Slavu" (Vida pela Glória). Mas foi a partir do álbum lançado em 2007 que a banda começou a despontar no cenário internacional, com o maravilhoso "Ot Serdtsa K Nebu" (Do Coração para o Céu).

No ano de 2009 o Arkona lançou o álbum avassalador "Goi, Rode, Goi!", trazendo no nome a divindade da mitologia eslava Rode, que era considerado o criador do universo. Por isso, a música, que leva o mesmo nome do álbum, é um clamor ao deus Rode, de uma alma desesperada diante das tempestades da vida. Além disso, ela traz a força eslava em olhar para as feridas e seguir em frente. No refrão da música, é perguntado "Rode, você está ouvindo? Salve!", trazendo a esperança de conquistar o próximo caminho.

A Música "Pritcha", deste mesmo ál-

bum, é uma saudação ao deus da terra, chamando-o em alguns momentos de "avô", como uma referência que também aparece quando eles chamam a Rússia de Mãe. A música é cantada em tom de prece, com o som do vento atrás, trazendo uma força, vinda da natureza, que impresiona quem ouve!

E então temos a animada música "Yarilo"!! Yarilo era o deus da fertilidade e da primavera. Aparecia nas épocas das colheitas, trazendo bem aventuranças para os povos. A música também traz a importância dos ciclos da vegetação para os povos eslavos.

Depois, o álbum traz a música "Liki Bessmertnykh Bogov", que fala sobre os deuses imortais. A música traz a essência das divindades antigas em uma letra que fala sobre o despertar do que foi esquecido pela alma. Divina!

Depois temos a forte "Pamiat", que também busca resgatar a memória dos deuses esquecidos, com guturais arrasadores e falando de deuses como Svarog, o deus do céu e da me-

VITROLA DE ORFEU



talurgia e associado ao fogo, trazendo também a sacralidade do fogo, tanto do fogo natural, quanto do fogo sagrado da alma.

E como última música temos a intensa "Nebo Hmuroe Tuchi Mrachniye", que traz o apelo dos amados, querendo saber notícias de seus amores, quando longe. E menciona a divindade Stribog, espírito do vento, do céu e do ar, capaz de mudar o rumo de uma vida dos que dependem do mar para navegar.

Este álbum tem 14 músicas, mas aqui analisamos apenas algumas delas, pois ainda precisamos falar dos demais álbuns.

Em seguida ao álbum "Goi, Rode, Goi!" eles lançaram em 2011 o EP "Stenka na Stenku", com uma música energética e cheia de vida! Ainda em 2011 a banda lança o disco "Slovo", com inúmeras músicas maravilhosamente mitológicas, incluindo as incríveis e eletrizantes "Arkaim" e "Odna".

A música Odna inicia com um si-

nistro uivo de lobo e toda a música parece um verdadeiro ritual antigo! É muito envolvente e é muito fácil nos sentirmos no meio de um clamor aos deuses antigos!

O próximo álbum com músicas inéditas foi lançado em 2013, chamado "Decade of Glory". Ainda em 2014, lançaram "Yav". Em 2016 foi lançado o "Vozhrozhdenie" e também "Khram".

Em cada CD é possível perceber os conteúdos mitológicos enraizados em cada letra, em cada melodia, em cada performance da banda. Além disso, é importante destacar que o Arkona faz parcerias com outras bandas mitológicas como Therion, o que só reforça seu propósito em divulgar a mitologia eslava, tão difícil de acessar no Ocidente.

Não só de livros vive o pensador mitológico, mas da música também! Orfeu hoje indica que todos os leitores apaixonados pela mitologia eslava conheçam a banda Arkona e seu imenso potencial de conhecimento que cada música carrega!

HISTÓRIAS DA VÓ TIANA



HISTÓRIA: Pé do Diabo
CONTADOR: Luiz Júnior

Folclore típico do Sudeste, narra a história de um fazendeiro das Minas Gerais do século XIX, que perdeu tudo, e, desesperado por ter uma jovem esposa grávida, fez um pacto com o Diabo: caso conseguisse se tornar rico e poderoso, ofereceria a alma de seu filho ao Tinhoso. Muito brevemente, se tornou o homem mais poderoso da região. Suas fazendas voltaram a prosperar e a produção quintuplicou. Logo ele cobria sua esposa de ouro e joias.

Porém, seu filho nasceu. E, como era de se esperar, o 7 Peles veio cobrar o seu quinhão – iria levar a pobre alma do recém-nascido.

Sua mulher, desesperada pelo ato do marido e devota ferrenha de Santo Antônio, evocou o Santo. E o casamenteiro, então, se engalfinhou com o Tinhoso. Na luta, o Coisa-Ruim pisou em uma pedra, deixando sua marca – a marca do Pé-do-Diabo.

Abaixo, um trecho do conto O Diabo e o Casamenteiro, presente na coletânea Corpo Seco e Outras Histórias:

Neste momento, porém, uma grande explosão aconteceu, e o casebre se

iluminou fortemente, como se diversas fogueiras tivessem sido acesas, todas juntas.

Imediatamente ouviu um belo som de harpas, todas tocando juntas, formando um único e poderoso som. E um homem entrou pela porta. Ele era velho, mas parecia infinitamente bondoso e paciente. Vestia uma túnica marrom, e sua cabeça brilhava fortemente, iluminando ainda mais o ambiente. Ao seu lado, dois anjinhos batiam asas, planando a um metro do solo.

O Diabo fechou a cara.

– Ah, não! De novo não! Escuta, você não tem uns casamentos pra arrumar por aí não? Chico percebeu. Era Santo Antônio. Só podia ser coisa da Dinorá. Dito e feito. Por detrás dele, viu a esposa, com as mãos em posição de oração, segurando um terço. Viu que ela chorava.

Então, o Casamenteiro falou:

– Ah, Chico... você não aprende mesmo, não é? Olha, dê graças a sua esposa. Ela me implorou para interceder... Tem noção da lambança que ia fazer?

ESTE É UM TRECHO DO CONTO "PÉ DO DIABO", DO MEU LIVRO CORPO SECO E OUTRAS HISTÓRIAS.

ARQUIVOS DE LOKI

JOGO: Senet

AUTOR: Desconhecido

POR LARISSA DIAS

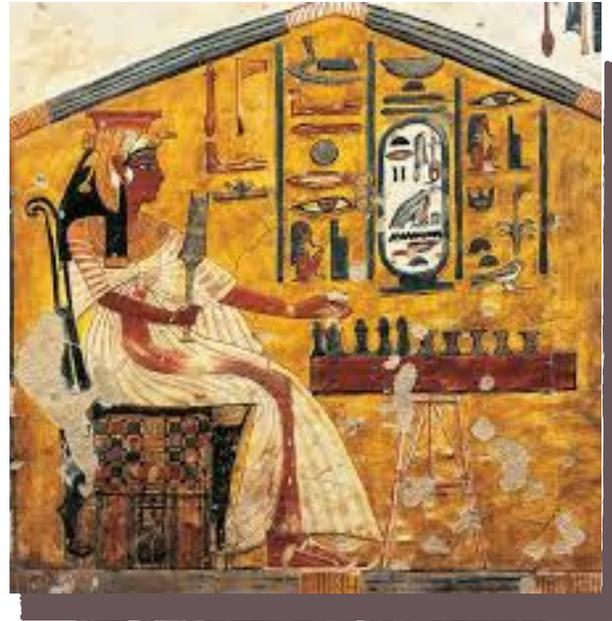
Há algum tempo eu gostaria de ter indicado um jogo aqui nesta seção, e agora que chegou a hora, nada melhor do que indicar um dos jogos mais antigos da humanidade: o Senet!

Alguns especialistas em jogos antigos dizem que a origem deste jogo é de mais de 4.000 anos, o que deixa sua dinâmica ainda mais interessante.

O Senet é um jogo de tabuleiro, no qual o participante precisa percorrer as casas com os peões nas três fileiras de casas que formam o jogo.

Uma curiosidade deste jogo é que o que define as casas a serem percorridas são os "dados" inusitados que o participante joga, pois os mesmos são quatro "palitos", pintados normalmente de preto e branco e cuja combinação de cores define os números de casas a se andar no tabuleiro.

Mas o que este jogo teria de mitológico?



O nome "Senet" quer dizer "Jogo de Passagem". Isso porque os egípcios desenvolveram grande parte da sua mitologia nos rituais após a morte, pois eles acreditavam em um elaborado trajeto que o morto teria que fazer até se encontrar com os deuses para o julgamento final.

Este trajeto, inclusive era feito, inclusive, usando o "Livro dos Mortos do Antigo Egito", que continha instruções do que o morto deveria fazer após sua passagem. Isso incluía um caminho a ser percorrido com uma série de tarefas e encantamentos, e, claro, seu definitivo encontro com os deuses do submundo, como Anúbis, Osíris e Thoth.



Deste modo, o jogo traz a oportunidade de testar esse caminho após a morte. Andando por suas casas, é possível lidar com sua capacidade de escolhas, com sua sorte e, claro, com seu contato com os deuses.

Embora nunca tenham sido encontradas regras para este jogo, sabe-se que o objetivo é retirar as peças do tabuleiro antes que o adversário tire todas as deles. Durante o jogo é possível bloquear as peças do adversário e salvar as suas em diversas situações.

Ele também era chamado o jogo do faraó, pois era muito popular entre os governantes do Egito. Para os faraós, este jogo era uma partida ritualística contra o deus Rá, para que ele pudesse passar para o "paraíso" egípcio do *pós-morte*.

Assim, o jogo simbolizava a luta do jogador contra as forças do mal para ser digno de uma boa passagem. Isso mostra que falar da morte para os egípcios não era considerado mau agouro, mas era uma prática até mes-

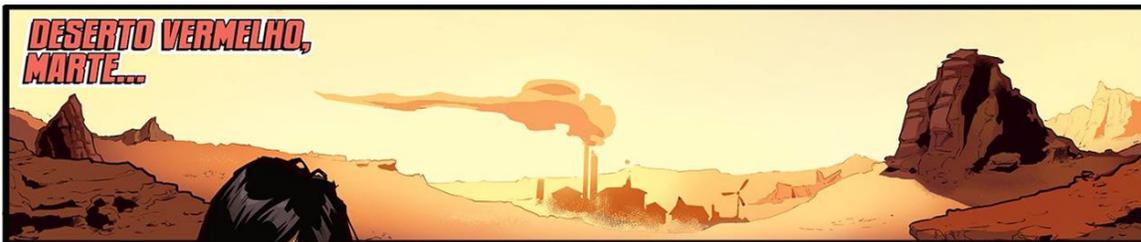
mo necessária, e, com certeza, sagrada.

No jogo existem algumas casa especiais, como a casa 15 (casa da ressurreição), onde deve-se voltar para a primeira casa; A casa 26 (casa da beleza) é uma parada obrigatória antes de continuar a jogar; A casa 27 (casa da água) é um indicativo para voltar para a casa 15 (ressurreição); A casa 28 (casa das três verdades) é uma casa de proteção, onde a peça não pode ser atacada; A casa 29 (casa de Atum-Rá) é uma casa onde a peça não pode ser atacada e precisa tirar 2 para sair do tabuleiro (será que é porque a casa traz dois dos deuses da criação do Egito?). E por último, a casa 30 (casa final), é onde a peça, além de não poder ser atacada, precisa tirar 1 para sair do tabuleiro.

De modo geral, é muito interessante imaginar o que os egípcios pensaram ao criar este jogo ritual. E como hoje em dia ele está disponível para venda, vale muito a pena você, caro leitor, tentar fazer seu trajeto contra as forças do mal por meio deste modo tão antigo e criativo!



A NONA ÁRVORE



A NONA ÁRVORE



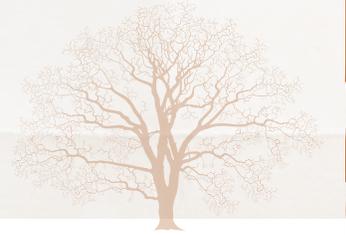
A NONA ÁRVORE



A NONA ÁRVORE



A NONA ÁRVORE



FRANCÉLIA PEREIRA



“

Francélia C. Pereira é mineira, de Belo Horizonte. Autora de Literatura Pop, com publicações independentes, já lançou duas Light Novels, Habitantes do Cosmos e Fallen Angels, sendo a primeira produzida em parceria com Ton Lima, responsável pelo arte da primeira HQ da série, Artemísia – O Muiraquitã Original, que em 2019 foi indicada ao Troféu ngelo Agostini, na categoria de melhor lançamento independente.

SINOPSES DOS LIVROS E DA HQ

Habitantes do Cosmos é uma Light Novel de Fantasia, inspirada em mitologias de culturas diversas. O diferencial da série é o destaque para a mitologia dos povos originários do Brasil.

A série é formada por livros que podem ser lidos de forma independente, pois cada um tem

princípio, meio e fim. Cada livro amplia a história, mas não são obras com histórias sequenciais.

HQ ARTEMÍSIA – O MUIRAQUITÃ ORIGINAL

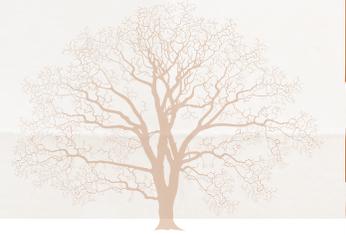
Após sofrer uma grande traição, no Templo do Sol, Artemísia decide encontrar o Muiraquitã Original, a pedra sagrada que guarda o dom da eternidade. Nessa busca, a venusiana terá a oportunidade de se conectar com sua essência, se tornando uma verdadeira Icamiaba, como suas ancestrais. Mas, para isso, a guerreira precisará da aprovação de Íasy, a divindade lunar guardiã do Lago Sagrado, que mantém o Muiraquitã Original em suas profundezas.

No volume 1, a guerreira começa sua busca e descobre que não estará sozinha nessa jornada.

HDC1 - APOCALIPSE

No futuro, a humanidade abandona a Terra, pois o planeta passou por grandes transformações que tornaram o antigo lar dos humanos um lugar hostil para sua espécie. Em outras regiões do sistema solar, que passa a se chamar Sistema Apolo, a humani-

A NONA ÁRVORE



dade segue em frente, mas sabendo que os recursos naturais que sustentam sua existência teriam dia e hora para acabar. Nesse contexto, o Governo tenta encontrar uma nova Terra através da missão Exodus. Enquanto isso, um grupo de sábios se empenha em sua missão, encontrar um antigo pergaminho, que poderá indicar à humanidade o caminho de sua salvação.

HDC2 – ARTEMÍSIA

Artemísia é uma guerreira mercenária nascida em Vênus, no futuro. Descendente das guerreiras lendárias, as Icamiabas, Artemísia deve vencer diversos desafios para encontrar a pedra sagrada de Íasy, o Muiraquitã Original.

HDC3 – NOVA ATLANTIDA

A poucos séculos no futuro, uma grande tragédia muda o nosso planeta para sempre e as terras que resistem, na América do Sul, são chamadas de Nova Atlântida.

Nesse contexto, personagens brasileiros correm contra o tempo para tentar salvar a humanidade da extinção... e eles contam com a ajuda

de divindades antigas, que ainda sobrevivem nos mitos e nas lendas da nossa terra.

Venda:

Amazon

<https://tinyurl.com/wqp5sld>

Página da HQ

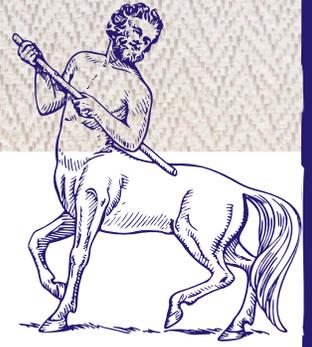
<https://www.facebook.com/hqartemisia>

Os livros, e a HQ, estão disponíveis na loja virtual:

<https://bit.ly/2AfHr3V> ”

*** **NOTA DA EDITORA:** Francélia Pereira gentilmente nos cedeu um trecho da HQ Artemísia para nos encantar por meio desta aventura mitológica incrível!

SAIBA MAIS SOBRE A AUTORA NA
SESSÃO PANTEÃO DE COLABORADORES



**cursos,
palestras,
eventos...**

JUL 2021

Formação em Astrologia

Uma formação ética, que te ajudará a auxiliar ao próximo, respeitando as leis cósmicas!

- ✓ Aulas semanais
- ✓ Aulas individuais e personalizadas
- ✓ Aulas online
- ✓ Apostilado e com MUITOS exercícios
- ✓ 3 módulos
- ✓ Módulos de formação extracurricular: Sinastria, Horária, Mundial, Horóscopos
- ✓ Mitologia e Astrologia

Saiba mais com Luiz Junior

WhatsApp **11 98721-9413**

ACADEMIA DE QUÍRON



JUL 2021

18/07 **14:00**

PALESTRA ONLINE - SKYPE

**CULTO A FRIGG
A RAINHA DIVINA**



COM O ESCRITOR E TRADUTOR **ALLAN MARANTE**
AUTOR DE LIVROS SOBRE PAGANISMO NÓRDICO E RUNOLOGIA
INICIATIVA CAMINHO NÓRDICO - GRUPO DE ESTUDOS

18 de Julho - 14h - R\$30,00
Transmissão ao vivo via Skype
www.facebook.com/caminhonordico



O MITO EM NÓS

e o reconhecimento da integridade humana
Anima / Animus



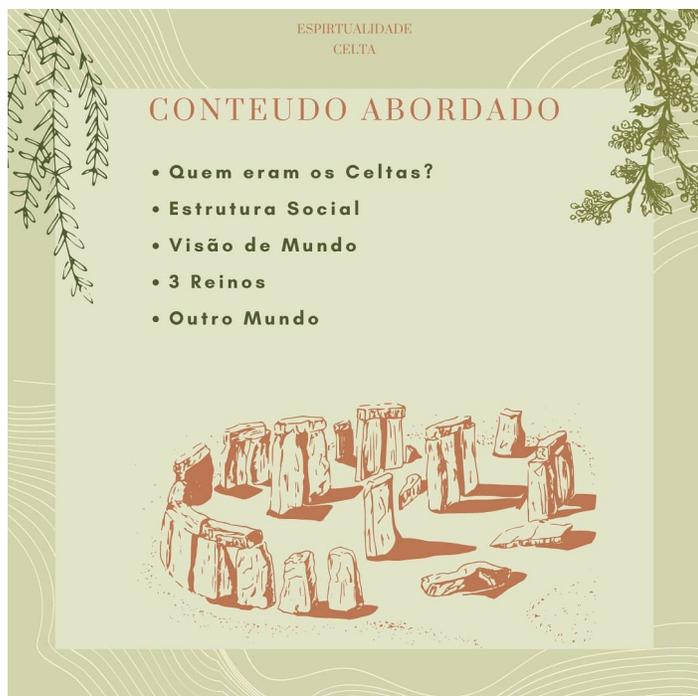
O MITO EM NÓS É UM CURSO CONSTITUÍDO DE 07 ENCONTROS VIVENCIADOS (UM AO MÊS, VISANDO O RECONHECIMENTO DO MASCULINO E FEMININO COMPLEMENTANDO-SE EM CADA UM DE NÓS, ATRAVÉS DAS MITOLOGIAS GREGA, INDIANA, EGÍPCIA, INDÍGENA, E CELTA.

SOLANGE S. D'AMATO - PSICOPEDAGOGA /
ARTETERAPEUTA
VILMA C. FIDALGO DEL RY - ESCRITORA / PROF. DE
LITERATURA
NOVA TURMA: MAIO/2021
INFORMAÇÕES: 99132-9228 - SOLANGE

ACADEMIA DE QUÍRON



JUL 2021



ACADEMIA DE QUÍRON



JUL 2021

**ESPIRITUALIDADE
CELTA**

Início em 20/07/2021

Curso Apostilado
Aulas Semanais
04 meses de duração

Inscrições pelo WhatsApp: (11)94212-9232
Investimento: R\$ 92,00/Mês

**Introdução ao
I Ching**

**QUINTAS
10h - 12H
ONLINE**

**INÍCIO: 1/7
8 ENCONTROS**

Facilitadoras:
Laryssa Valente
e Sheila Rafaini

Conceitos Básicos da
Filosofia Taoista
Histórico
Hou Tian e Xian Tian Ba Gua
Formação e Aprofundamento
dos Trigramas

Técnicas Oraculares
Orientações para Preparação,
Formulação e Interpretação
de perguntas
Principais Relações entre
Hexagramas
Introdução aos 4 caminhos

INVESTIMENTO: R\$ 400,00 - 2 x R\$200
Para mais informações entre em contato
(11) 996 640 640

ACADEMIA DE QUÍRON



JUL 2021



COM A PROF ANDREA PRIOR

DANÇAS CLÁSSICAS INDIANAS Odissi e Kathak

UM SINGULAR UNIVERSO
DE DANÇA, CULTURA E
ESPIRITUALIDADE

**Novas Turmas
Online
Junho 2021**

MAIS INFO E INSCRIÇÕES
ACESSE O FORMULÁRIO:



ESPCORASA.ART.BR

FOTO: PAULO VITALE

**Bom
Proveito!**

PANTEÃO DE COLABORADORES



LARISSA DIAS

EDITORA, IDEALIZADORA E COLABORADORA DE ARTIGOS



Larissa Dias é uma paulistana apaixonada por mitologia. Psicoterapeuta e Orientadora Profissional, atua com a mitologia em todos os seus processos.

É Socióloga, com formação nas áreas de Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica, Psicoterapia Junguiana e Recursos Humanos.

Atuando por mais de 15 anos no mundo corporativo, descobriu nos atendimentos de psicoterapia e orientação profissional essa nova e incrível vocação. Criadora do método “Jornada Vocacional”, um jogo que atua com a jornada do herói, mitos, e contos para a descoberta da vocação. Também é associada à ABOP (Associação Brasileira de Orientação Profissional) e certificada pela Escola Eneagrama de Khristian Paterhan. Já atuou como professora de Mitologia na Pós-Graduação de Mitologia Criativa e Mitodrama, da UNIP - SP.

www.larissadiaspsico.com.br

larissa@larissadiaspsico.com.br

FÁBIA LUCAS

REVISORA DE TEXTO



Revisora de textos - Conteudista - Professora de Português e Inglês – Licenciada em Letras português-inglês; Especialista em Metodologias do Ensino de Português para Estrangeiros; Concluindo o último semestre de Pedagogia em julho de 2021. Lecionou para turmas do ensino médio de escola estadual em São Paulo; atualmente é professora voluntária de português para estrangeiros na Missão Paz e membro da equipe que elaborou o conteúdo da apostila virtual no ano de 2020, além dos trabalhos com revisão de livros, artigos e textos acadêmicos.

Ainda na infância teve contato com a antiga Coleção Mitologia, publicada pela Editora Abril na década de 1970, cujas histórias despertaram o amor pela leitura. Já adolescente, conheceu os mistérios do Tarot. Além disso, como dançarina encontrou nas danças árabes e ciganas grande amor e motivação para conhecer outras línguas, culturas e religiões, rompendo barreiras de preconceitos e ajudando outros a despertar para as línguas, e, por meio delas, recuperar a liberdade, a dignidade e a autonomia.

Instagram: [@fabia.luca](https://www.instagram.com/fabia.luca)

E-mail: facaroli@yahoo.com.br

Linkedin: <https://www.linkedin.com/in/fábيا-carolina-lucas-3183011a2>

PANTEÃO DE COLABORADORES



JORGE MIKOS
OLABORADOR DE ARTIGOS

Jorge Miklos, analista junguiano e sociólogo. Graduado em História e Ciências Sociais. Especialista em Psicologia Analítica. Mestre em Ciências da Religião e Doutor em Comunicação Social. Coordena uma pesquisa sobre as masculinidades contemporâneas.

Facebook: <https://www.facebook.com/jorge.miklos>



VITOR FILIPPO DIAS
COLABORADOR DE ARTIGOS

Graduado em História pela FMU. No transcorrer do curso produzi uma iniciação científica com o seguinte tema “A Influência Cultural Mesopotâmica na Religião Judaico-Cristã”. O trabalho aborda e compara mitos babilônicos e sumérios com passagens bíblicas, principalmente o Pentateuco. A partir desse trabalho desenvolvi grande interesse no estudo voltado para o Oriente Próximo, mais especificamente para a Mesopotâmia Antiga.

Também sou palestrante de mitologia do Instituto de Arteterapia de Guaratinguetá/SP (IAGUA). O principal mister da instituição são Atividades de práticas integrativas e complementares em saúde humana. Na minha pesquisa atual, estou desenvolvendo um estudo de uma suposta ascensão do deus babilônio Marduk ao topo do panteão durante a hegemonia da Segunda Dinastia de Isin, mais notadamente no decorrer do reinado de Nabucodonosor I (1125 – 1104 ac).

e-mail: vitorvfd@outlook.com



CHRISTOPHER QUEIROZ
COLABORADOR LITERÁRIO

Christopher Queiroz, nascido em São Paulo, é um engenheiro de software que sufoca os anseios de sua rotina com uma boa dose de fantasia. Amante incorrigível – se é que há uma correção para isso – da literatura, usa da escrita como uma ferramenta para exorcizar os próprios demônios.

Blog: <https://cafe-com-pestilencia.blogspot.com/>

E-mail: chqueiroz@outlook.com.br

PANTEÃO DE COLABORADORES



LIZANDRA SILVEIRA COLABORADORA DE ARTIGOS



Lizandra é brasileira, formada em História pela Universidade de Brasília, apaixonada por boas histórias, entre elas as das mitologias do mundo. Pós-graduada em Marketing e em História e Cultura no Brasil, é bancária e atualmente trabalha com a produção de material para redes sociais.

Email: lizandrasilveira@gmail.com
Medium.com/[@lizandrasilveira](https://medium.com/@lizandrasilveira)

DANIEL KRONENBERG GLEZER COLABORADOR DE ARTIGOS



Ator e palhaço, formado pela Escola de Arte Dramática (ECA/USP), e Bacharêu em Direito pela Universidade Mackenzie-SP.

Atuou em mais de 30 espetáculos de teatro, para crianças e adultos, dentre eles “O Santo Inquérito” (2002), “O Corcunda de Notre Dame” (2005), “Sonho de uma noite de verão” (2006), “Tartufo” de Moliere (2007), “Bodas de Sangue” (2007), “As três irmãs” (2008), “No papel da vítima” (2009), “O diabo de tetas” (2009), “É proibido miar” (2011), “O Rei Leão,” da Disney (2014), “O aniversário da infanta” (2016), “O compositor delirante” (2017), “Sobre ratos e homens” (2017) e “O inspetor geral” (2018).

Assistente de direção no projeto Poeta em Cena, em parceria com a Casa das Rosas, da Secretaria de Cultura do Estado, e do espetáculo musical infantil ‘É proibido miar’.

Na tv, atuou na série de comédia “Na Batalha” (2012), e na minissérie ‘A Teia’; da TV Globo (2013).

Em cinema, atuou em alguns curta-metragens, como “Uma por Cabeça” e “Ao gosto de Augusto” (2008), “Quatro paredes” (2009), “Ressaca” (2010) e “Melpomene” (2015).

Escreveu e atua no monólogo teatral ‘O compositor delirante’, inspirado na vida e obra do compositor Beethoven. Outras dramaturgias ainda inéditas: “À deriva” e “Idealistas revolucionários”, bem como o romance também inédito, ‘A síndrome do pequeno poder’, e outros contos.

DKG Soluções Lúdicas – voltada ao mercado corporativo. Produtos e serviços lúdicos para treinamento, desenvolvimento e comunicação, além da realização de produção jurídico para diversos projetos teatrais.

Programas Audiovisuais na Internet: “Seu Molina Entrevista”, “Autofilosofagem”, “Filosofia Mastigada Engolida” - (www.youtube.com/seumolina) e, no Instagram, “Seu Molina em: Gráficos da Vida Real na Pandemia”.

PANTEÃO DE COLABORADORES



ADRIANA GONÇALVES DE FREITAS COLABORADORA DE ARTIGOS

Nasceu em São Paulo, Zona Leste, é contadora de histórias e Professora de filosofia na rede estadual de São Paulo.



Cientista da Religião pelas Faculdades Integradas Claretiana de São Paulo e licenciada em Filosofia pela UNIFAI - Vila Mariana. Pós graduada em Educação pela PUC-SP e em Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia analítica pela UNIP- Vergueiro. Trabalha com Contação de mitos, contos e histórias em suas aulas de filosofia e ama mitologia. Criadora da página Café Filosófico, no Facebook, que aborda a filosofia por meio de contação de histórias e mitos para interessados no tema:

<https://www.facebook.com/groups/265668807998921/about>
freitas2020agf@gmail.com

FRANCÉLIA PEREIRA COLABORADORA ARTIÍSTICA

Francélia C. Pereira é mineira, de Belo Horizonte. Autora de Literatura Pop, com publicações independentes, já lançou duas Light Novels, Habitantes do Cosmos e Fallen Angels, sendo a primeira produzida em parceria com Ton Lima, responsável pela arte da primeira HQ da série, Artemísia – O Muiraquitã Original, que em 2019 foi indicada ao Troféu Ângelo Agostini, na categoria de melhor lançamento independente.



<https://www.instagram.com/francelia.pereira>
<https://www.facebook.com/francelia.pereira.92/>
<https://www.facebook.com/habitantesdocosmos>
https://twitter.com/Francelia_cp

PANTEÃO DE COLABORADORES



LUÍZ JÚNIOR

COLABORADOR LITERÁRIO



Luiz Junior é formado em Design de Produtos pela Universidade Mackenzie e em Geografia pela Universidade de São Paulo/USP, com extensão em Arqueologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, além de Pós Graduado em Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica pela UNIP/SP e em Gestão Estratégica de Marketing pela FAMART/MG. Atualmente faz MBA em Gestão de Projetos e Metodologia Ágeis pela Exame Academy e estuda Liderança na Fundação Dom Cabral. É estudante de astrologia desde 2010 e astrólogo desde 2012, tendo atendido mais de três centenas de pessoas. Ministra cursos de astrologia on-line. É especialista em previsões e interpretações, e fez sua formação na Escola Gaia de Astrologia, em São Paulo. Faz pesquisas periódicas nos campos de Astrologia e Vibrações e das Qualidades Primordiais da Astrologia. Elabora o horóscopo diário para o Jornal Cotia Agora e para empresas em São Paulo e no Brasil. É escritor, com livros lançados na Europa e no Brasil – são dele os livros "O Templo da Magia", "O Livro de Luaror" e "O Pergaminho de Lemanto", entre outros. Pesquisa e escreve sobre Mitos e Lendas brasileiras, tendo lançado o livro "Corpo Seco e Outras Histórias", disponível na Amazon.

www.oraculosemistérios.com.br // www.escritorluizjunior.com.br // (11) 98721-9413

ÉRICA DIAS

TRADUTORA REVISORA DE MÍDIAS SOCIAIS



Formada em Secretariado Executivo Bilíngue, Érica atua com finanças e recursos humanos há mais de 10 anos, possui certificação de RH Business Partner pela FGV e Pós Graduação de Finanças pela Unisa.

Tradutora e revisora dos textos bilíngues e das mídias sociais.

E-mail: dias.ERICA14@gmail.com

PANTEÃO DE COLABORADORES



LUIS F. RIBEIRO (HELL YEAH)

COLABORADOR MUSICAL



A Hell Yeah Music Company surgiu em 2020 a partir do sonho de dois amigos, Luis Fernando Ribeiro e Leandro Abrantes, que se conheceram há 15 anos por meio do Heavy Metal e tomaram-no como trilha sonora de suas vidas e matéria prima de sua arte. Respeito, valorização, criatividade e amor pelo que fazemos são nossos pilares.

A #HYMC nasceu para quebrar padrões, ignorar estereótipos e dar suporte às bandas brasileiras que compartilham do mesmo sonho que nós. Baseada em Florianópolis, SC, a Hell Yeah atende bandas de todo o Brasil e de Portugal. Hell Yeah Music Company, música como experiência.

Instagram: @hellyeahmusiccompany // LinkedIn: <https://linktr.ee/hellyeahmusiccompany> // (48) 99815-6284

JÉSSICA DIAS - ALPHA CENTAURI

MÍDIAS SOCIAIS



Sócia da empresa Alpha Centauri BI, Tecnologia e Desenvolvimento. Tem como lema a melhoria contínua em todo trabalho que participa, levando sua criatividade e inovação.

É paulista, formada em Gestão Ambiental, com ênfase em licenciamento ambiental e sensoriamento remoto. Apaixonada por Ciências Mortuárias, Natureza, Artes e Música contribui com a edição de artes das mídias sociais.

E-mail: jessica@alphacentauritecnologia.com.br

Site: <https://www.alphacentauritecnologia.com.br/>

AGRADECIMENTOS

Prezado Leitor Mitológico,

Em primeiro lugar, eu gostaria muito de agradecer ao universo e a todos os colaboradores e leitores, pois a Nossa Revista chegou à sexta edição! Quando temos um sonho que não sabemos se será possível ou não, e vemos que ele simplesmente gerou tantos bons frutos, é preciso lembrar de agradecer sempre!

Tem uma história linda da mitologia hindu, do deus Ganesha, que conta que ele e o irmão Kartikéia estavam competindo para ver quem era o mais forte. Então eles combinaram de dar a volta ao mundo e quem terminasse primeiro seria o vencedor. Kartikéia, tinha uma velocidade, força e agilidade imensas, e em apenas três dias deu a volta ao mundo. Quando chegou, se surpreendeu que Ganesha havia se considerado vencedor. Ele então perguntou porque o irmão havia vencido e Ganesha respondeu que enquanto Kartikéia dava a volta no SEU mundo, Ganesha deu uma volta completa ao redor de seus pais, que eram o mundo DELE. Isso mostra como a inteligência é bem empregada quando temos dentro de nós aquilo que amamos e não temos dúvida disso, ou do caminho que percorremos.

Quando comecei a Revista Eletrônica Mitologia Aberta me dediquei de corpo e alma para ela. Isso quer dizer trabalhar sábados, domingos e feriados, quando estou saudável ou doente, etc. Com o passar do tempo, percebi que meu amor por este projeto só aumentava, mas eu também precisava descansar. Além disso, tenho meu trabalho terapêutico e projetos literários em andamento, que precisam de atenção, pois também são projetos cujo objetivo é divulgar a mitologia para o mundo, em suas várias vertentes. Junto a isso, havia o apelo de parentes, amigos e até colaboradores da revista, que me alertavam da necessidade de mudar algo neste projeto lindo, para que ele pudesse continuar por muito mais tempo.

Por isso, decidimos mudar a periodicidade da Nossa Revista para Bimestral.

AGRADECIMENTOS

Agora que já tratamos de um ponto importante sobre a Nossa Revista, vamos de fato aos agradecimentos aos maravilhosos colaboradores desta edição!

Agradeço ao professor Jorge por nos enviar um artigo sobre os deuses e os homens, um tema tão necessário para o masculino sagrado nos tempos atuais. Agradeço ao Vitor por nos trazer seus brilhantes conhecimentos sobre a mitologia da Babilônia e por se esforçar em traduzir textos e mais textos para a produção destes artigos. Agradeço a Lizandra, pelo amor com que escreveu seu artigo sobre o que a mitologia lhe ensinou, e também agradeço à Adriana por nos mostrar Eros de uma forma tão didática! Agradeço ao Daniel por conseguir transmitir um pouco do seu trabalho com seu artigo sobre a loucura, de forma leve, respeitosa e ao mesmo tempo intensa.

Agradeço ao Luiz Júnior por trazer mais um personagem muito interessante para as Histórias da Vó Tiana, e claro, pela parceria constante e rica, assim como agradeço ao Luis, da Hell Yeah, pela incrível parceria de sempre e ao Christopher Queiroz, por ceder um conto tão profundo para Nossa Revista!

Agradeço à querida Laina, cujo trabalho acompanho já há algum tempo e que aceitou o convite para ilustrar nossa capa com a sensibilidade e alegria que são tão dela! Agradeço muito à Francélia por ceder as páginas da Artemísia para nós. Comprei seus trabalhos assim que conheci, pela qualidade e dedicação que ela teve ao produzi-los, um conteúdo inspirado e completamente mitológico! Divino!

Agradeço sempre à querida Fábila Lucas, nossa revisora presente e cuidadosa, e também à maravilhosa Érica Dias, pela revisão e tradução das comunicações das mídias sociais. Também agradeço à incrível Jéssica Dias pelas belas e criativas artes, que todos podem acompanhar durante o mês no Facebook e no Instagram!

Até a próxima!

Equipe Mitologia Aberta.

Mitologia Aberta

REVISTA DE LIVRES PENSADORES MITOLÓGICOS



Coordenação Editorial
Larissa Dias

ISSN 2764-0299

Equipe Editorial

Editora-chefe: Larissa Dias

Revisão: Fábila Lucas

Projeto Gráfico: Larissa Dias e Jéssica Dias

Ilustração da Capa: "Two Mother Earth", Laina Joy

Colaborador Literário: Luiz Júnior

Colaborador Musical: Luis F. Ribeiro - Hell Year Music Company

Edição Original: 2021, Julho, World Wild Web

Periodicidade: Bimestral

Colaboram Nesta Edição:

Jorge Miklos, Vitor Filippo, Lizandra Silveira, Adriana Freitas, Daniel Glezer, Christopher Queiroz, Francéila Pereira, Laina Joy e Érica Dias

Editora: Scientia Cultura, Educação e Pesquisa LTDA

Endereço: Rua Professor Campos d'Almeida, 52 - Jardim Rizzo - São Paulo - SP - CEP: 05587-010

Revista Eletrônica de Livre Circulação

Todos os direitos reservados a seus autores ou detentores.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio, sem a permissão expressa e por escrito da Revista Eletrônica de Mitologia Aberta.

Distribuído on-line por Revista Eletrônica de Mitologia Aberta